



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA
DEPARTAMENTO DE LETRAS
LICENCIATURA EM LETRAS, LÍNGUA PORTUGUESA, LÍNGUA INGLESA E
RESPECTIVAS LITERATURAS

INÁIRA KELLEN DOS SANTOS AMORIM

ANÁLISE DO DISCURSO EM *A SOCIEDADE LITERÁRIA E A TORTA DE CASCA DE BATATA*, DE MARY ANN SHAFFER E ANNIE BARROWS

CAXIAS-MA

2024

INÁIRA KELLEN DOS SANTOS AMORIM

ANÁLISE DO DISCURSO EM *A SOCIEDADE LITERÁRIA E A TORTA DE CASCA DE BATATA*, DE MARY ANN SHAFFER E ANNIE BARROWS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras, da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), *Campus Caxias*, como requisito parcial à obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Profa. Ma. Vilma Rodrigues Mascarenhas

CAXIAS-MA

2024

A524a Amorim, Ináira Kellen dos Santos

Análise do discurso em a sociedade literária e a torta de casca de batata, de Mary Ann Shaffer e Annie Barrows / Ináira Kellen dos Santos Amorim._Caxias: Campus Caxias, 2024.

64f.

Monografia (Graduação) – Universidade Estadual do Maranhão – Campus Caxias, Curso de Licenciatura em Letras.

Orientador: Prof^a. Ma. Vilma Rodrigues Mascarenhas.

Título. 1. Discursos políticos. 2. Cartas. 3. Contexto histórico. I.

CDU 82-5

INÁIRA KELLEN DOS SANTOS AMORIM

**ANÁLISE DO DISCURSO EM A SOCIEDADE LITERÁRIA E A TORTA
DE CASCA DE BATATA, DE MARY ANN SHAFFER E ANNIE BARROWS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Letras, da
Universidade Estadual do Maranhão
(UEMA), *Campus Caxias*, como requisito
parcial à obtenção do Título de
Licenciado em Letras.

Orientadora: Profa. Ma. Vilma Rodrigues
Mascarenhas

Aprovada em: 19/08/2024.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Ma. Vilma Rodrigues Mascarenhas (Orientadora)
Mestra em Literatura, Memória e Cultura (UESPI)



Prof. Dr. Antônio Luiz Alencar Miranda (CESC/UEMA)
Doutora em Linguística (UFRJ)



Prof. Dr. Evaldino Canuto de Souza (CESC/UEMA)
Doutor em Linguística (UFRJ)

*Dedico esse trabalho a Deus, à minha
família e aos meus amigos.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família pelo suporte emocional e econômico durante essa jornada de escrever e apresentar meu Trabalho Final de Conclusão de Curso. Agradeço a Carlos Amorim, meu pai pela constante motivação na minha educação.

À Meire Amorim, minha mãe por sempre confiar no meu potencial.

À Iara Karine, minha irmã por ser um modelo de mulher que procuro seguir.

À minha sobrinha Isa, por ser a razão de continuar durante os períodos difíceis.

Agradeço também a Universidade Estadual do Maranhão, Campus Caxias, pela oportunidade acadêmica de aflorar os meus interesses acadêmicos e desfrutar de diversos momentos dos quais serão essenciais para a minha jornada como profissional na área de letras exercendo meu papel social como professora de Língua Inglesa.

Agradeço à minha orientadora, Professora Mestra Vilma Rodrigues Mascarenhas pelo suporte acadêmico desde o planejamento do Projeto a construção deste Trabalho de Conclusão de Curso. Sou grata pela sua paciência e carinho não só como orientadora, mas também como pessoa que preza pela qualidade da Pesquisa.

Agradeço imensamente aos meus amigos pelos momentos de descontração e por acreditarem em mim, disponibilizando sua escuta e apoio emocional.

Agradeço ao corpo docente do Departamento de Letras, Caxias-Maranhão.

Por último, agradeço ao meu Deus por ter me dado o dom da vida e pelas pessoas que direta ou indiretamente auxiliaram-me neste percurso. Assim como também agradeço a Deus pela sabedoria que tens me dado para prosseguir nos meus objetivos acadêmicos, pessoais e profissionais como futura professora de Língua Inglesa.

Talvez haja algum instinto secreto nos livros que os leve a seus leitores perfeitos (Shaffer; Barrows, 2009, p. 13).

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar os discursos políticos presentes em quatro cartas do romance “A Sociedade *Literária e a Torta de Casca de Batata*” (2009), de Mary Ann Shaffer e Annie Barrows, considerando também os aspectos históricos e socioculturais da obra. Durante a pesquisa há o levantamento do contexto histórico e das implicações das epístolas durante o período pós-Segunda Guerra Mundial. Para solidificar a pesquisa a metodologia adotada é de caráter bibliográfico, embasada na teoria da AD. As etapas da pesquisa incluem: leitura do *corpus*, seleção de quatro cartas relevantes, compilação e revisão de referências bibliográficas, etc. Por fim, discutiu-se acerca dos discursos presentes nas quatro cartas presentes na obra e das relações de poder vigentes na narrativa, e quanto à reconstrução das identidades dos indivíduos. Assim, o trabalho atinge seu objetivo de analisar os discursos políticos nas cartas do romance, demonstrando a relevância da AD na interpretação literária.

Palavras-chave: Discursos políticos; Cartas; Contexto histórico.

ABSTRACT

The present study aims to analyze the political discourses present in four letters from the novel *The Guernsey Literary and Potato Peel Pie Society* (2009) by Mary Ann Shaffer and Annie Barrows, also considering the historical and sociocultural aspects of the work. The research includes an examination of the historical context and the implications of the epistles during the post-World War II period. To solidify the research, the adopted methodology is bibliographic in nature, based on Discourse Analysis (DA) theory. The research steps include reading the corpus, selecting four relevant letters, compiling and reviewing bibliographic references, among other tasks. Finally, the study discusses the discourses present in the four letters and the power relations existing in the narrative, as well as the reconstruction of individual identities. Thus, the work achieves its objective of analyzing the political discourses in the letters of the novel, demonstrating the relevance of DA in literary interpretation.

Keywords: Political discourses; Letters; Historical context.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 OS PERCURSOS DA ANÁLISE DO DISCURSO.....	13
2.1 Surgimento da Análise do Discurso	13
2.2 Análise do Discurso Francesa.....	16
3 ROMANCE EPISTOLAR	20
3.1 O Contexto histórico de <i>A Sociedade Literária e a Torta de Casca de Batata</i>	21
3.2 A Construção de uma narrativa por meio de cartas... ..	24
4 ANÁLISE DISCURSIVA DAS CARTAS EM A SOCIEDADE LITERÁRIA E A TORTA DE CASCA DE BATATA.....	28
4.1 Os elementos discursivos presentes no romance epistolar... ..	28
4.2 Discurso e as relações de poder na narrativa... ..	30
4.3 O gênero textual carta como documento histórico no romance <i>A Sociedade Literária e a Torta De Casca de Batata</i>	42
5 CONCLUSÃO	45
REFERÊNCIAS.....	48
ANEXOS	51

1 INTRODUÇÃO

O traumático cenário das guerras e suas consequências históricas, sociais, econômicas e culturais foram ressignificadas em diversos contextos e manifestações artísticas. Diversas obras literárias abordam o contexto bélico e, assim, oportunizam ao público leitor a percepção dessa angustiante atmosfera na qual as narrativas se desenvolvem. É nesse sentido que analisaremos as cartas do romance epistolar, *A sociedade literária e a torta de casca de batata* (2009) que tem a Segunda Guerra Mundial como plano de fundo a proporção que as trocas de cartas situam o leitor na narrativa de Mary Ann Shaffer e Annie Barrows. Para isso, faremos uso dos preceitos da Análise do Discurso Francesa (ADF), que investiga as construções e os efeitos ideológicos das marcas sociais que ressoam de um texto verbal ou visual.

Este trabalho tem como objetivo geral analisar os discursos políticos presentes em quatro cartas do romance, levando em consideração também os aspectos históricos e socioculturais na obra literária. Desse modo, o primeiro objetivo específico é apresentar a teoria da Análise do Discurso (AD). Na primeira parte deste trabalho será apontado a teoria e seus principais precursores, seus argumentos e os conceitos que os mesmos fornecem.

O segundo objetivo específico é o de identificar o contexto histórico em que as cartas a serem analisadas foram escritas e a influência que esse contexto exerceu ao longo da narrativa. O terceiro e último objetivo emerge da discussão sobre os aspectos políticos e as relações de poder presentes nas cartas do romance, analisadas sob a luz da teoria da Análise do Discurso.

Na perspectiva de Análise do Discurso (AD), os conteúdos das cartas moldam a percepção que as pessoas têm da narrativa. Com isso, espera-se contribuir para um debate sobre a importância da literatura como espelho e agente de mudança social ao longo do tempo. À medida que, através desta investigação, pretendemos inserir outro olhar de análise da obra, ao evidenciar não somente o valor da obra literária, mas seu papel na compreensão das complexidades da sociedade e da cultura do seu tempo pelo viés discursivo.

Por conseguinte, a pesquisa busca comprovar a relevância analítica discursiva do gênero textual carta na obra literária com base na seguinte problematização: como os discursos presentes nas cartas trocadas pelos personagens de *A Sociedade Literária e a Torta de Casca de Batata* (2009)

influenciaram nas dinâmicas sociais nos valores culturais e na construção da identidade dos indivíduos envolvidos no contexto histórico do pós-Segunda Guerra Mundial?

A metodologia da Pesquisa na qual este trabalho se valerá é de caráter bibliográfico, embasada na teoria da Análise do Discurso com o intuito de traçar as noções de discurso na obra analisada. Sendo assim, para a realização da pesquisa foram necessárias as seguintes etapas: leitura do *corpus A sociedade literária e a torta de casca de batata*, de Mary Ann Shaffer e Annie Barrows (2009); seleção de quatro cartas relevantes contidas na obra; compilação de referências bibliográficas (artigos, sites, dissertações dentre outros); revisão das referências; inspeção do *corpus* com o auxílio dos instrumentos utilizados na pesquisa: livros, artigos, resumos, visita a sites, bibliotecas virtuais e físicas, aplicando as teorias às análises.

Além da supervisão presencial com a professora orientadora Vilma Rodrigues Mascarenhas na construção das etapas da monografia, houve também a revisão do texto e a versão final para a defesa. Para consolidar tais discussões priorizamos as teorias de Bakhtin (2003), Foucault (1997, 2013, 1995, 1996), Maingueneau (2000) e Paul Henry (1992), entre outros que se fizerem necessários para as análises realizadas nessa pesquisa, para que se possamos chegar ao êxito proposto.

A obra *A Sociedade Literária e a Torta de Casca de Batata* (2009), escrita pelas autoras Mary Ann Shaffer e Annie Barrows, é composta por cartas, cerca de 151 epístolas, além também de telegramas. A narrativa se baseia na ocupação alemã nas ilhas do Canal da Mancha, Guernsey e Jersey, nos anos seguintes de 1940. No livro, é possível perceber a atmosfera da ilha de Guernsey quando os alemães tinham o controle sobre os moradores e as terras. As regras e comportamentos dos nazistas são perceptíveis desde a primeira carta. Londres e as ilhas do canal exibiam um ar angustiante de guerra, o que demonstrava, de forma clara, as situações reais em que a obra se baseia.

Na obra *A Sociedade Literária e a Torta de Casca de Batata* (2009) existem características tanto do gênero romance quanto da ficção histórica. Contudo, a singularidade da obra reside em seu formato peculiar, composto integralmente por correspondências epistolares. Os personagens comunicam-se através de cartas, estabelecendo uma atmosfera íntima na relação entre leitor, obra e personagens. Este formato específico, das cartas, revela-se ideal ao longo da obra, pois,

contextualiza com maestria a perspectiva dos personagens diante das situações vivenciadas.

Michel Foucault (1966) esclarece a importância das cartas ao afirmar que as epístolas são o formato mais único que há de expressão, com a junção não somente das palavras, mas com a presença da intimidade nas relações sociais. Dessa forma, em cada correspondência, o leitor compreende as ideias e reflexões de cada personagem, alinhadas ao propósito primordial da comunicação. Por essa razão, a escrita de cartas na obra destina-se a estabelecer uma relação mais íntima com o leitor, proporcionando uma imersão no âmago da trama naquele cenário de pavor.

No panorama atual, revisita os eventos históricos com o intuito de compreender certos aspectos do presente, ou até mesmo possibilita imaginar um futuro. A memória tem seu papel principal de recriar um contexto que não podemos vivenciar. Segundo Paul Henry (1992, p. 170) o leitor só será capaz de “viver” tal evento histórico ou cultural através do que o texto/autor transpõe, “do qual uma parte lhe é invisível para sempre e que ele só pode conhecer através de uma experiência intersubjetiva, que é uma experiência de discurso”.

A relevância social da pesquisa se expande para além do romance epistolar ao destacar as complexidades discursivas que envolvem as relações de poder dos personagens na compreensão das camadas políticas representadas na narrativa diante do horror do Pós-Segunda Guerra Mundial. Nesse âmbito, a pesquisa não apenas explora os pormenores da narrativa Pós-Segunda Guerra Mundial, mas também preencherá uma lacuna identificada nos arquivos da Universidade Estadual do Maranhão, onde há pouca produção com análises nesse viés.

Ressaltamos por fim, o caráter ainda não explorado da obra escolhida, sob a ótica da Análise do Discurso ao nível de Graduação, configurando dessa forma, o ineditismo da pesquisa. Desse modo, *A Sociedade Literária e a Torta de Casca de Batata* (2009), escrita pelas autoras Mary Ann Shaffer e Annie Barrows contribuirá com o acervo acadêmico da Instituição de Ensino Superior com uma investigação inovadora na Análise dos Discursos Literários.

2 OS PERCURSOS DA ANÁLISE DO DISCURSO

Neste capítulo inicial discutiremos sobre os caminhos que a Análise do Discurso, desde seu surgimento, à medida que apresentaremos os teóricos mais influentes da linha analítica dos discursos. Para traçar os trilhos da análise discursiva, primeiro pontuamos o surgimento, numa escala mundial e em seguida nacional, elencando os autores mais influentes e no período. Em seguida, continuaremos a discutir sobre a Análise do Discurso, mas de cunho Francesa. Destacando suas diferenças e citações pertinentes.

2.1 Surgimento da Análise do Discurso

Neste primeiro capítulo é de extrema necessidade que haja uma explanação sobre a Análise do Discurso, teoria que fundamenta nossas análises no decorrer dessa pesquisa e, assim situar o leitor dos percursos que a Análise do Discurso (AD) trilhou, as suas especificidades e, etc., da qual tomaremos como emprestado a que circunda a Análise do Discurso Francesa (ADF).

Segundo Dias e Santos (2017), a Análise do Discurso teve início durante os anos de 1960, especificamente na França, como uma área tanto teórica como analítica estabelecida por Michel Pêcheux (1938 - 1984). No âmbito nacional, a Análise do Discurso chega somente nos anos 1980, disseminada por Eni Orlandi.

Orlandi, ao abordar uma teoria previamente desconhecida, explora seus detalhes dentro do contexto brasileiro, caracterizado pela emergência de movimentos sociais. Na década de 1980, a luta de classes e o contraste entre política e cultura eram preeminentes. Nesse cenário, Orlandi conseguiu efetivar a disseminação e popularização dessa teoria, aproveitando-se das diversas lutas, protestos e formas de resistência da época.

Consequentemente, a abordagem crítica e os postulados proporcionados pela teoria permitiram que literaturas e textos, em geral fossem analisados sob uma perspectiva que integrasse tanto a linguística quanto o contexto sociopolítico em que foram produzidos.

Dentre os principais teóricos da Análise do Discurso, destacamos: Michel Foucault (1997, 2013, 1995, 1996), Norman Fairclough (1989, 1995, 2008), Orlandi (2009, 2005, 2000), Pêcheux (1995), Paul Henry (1992), Bakhtin (2003), Maingueneau (2000) e entre outros. Uma vez que a Análise do Discurso se posiciona

na interseção entre a linguística e a história, integrando ambos os componentes de maneira direta ou indireta.

Essa abordagem considera tanto os aspectos linguísticos quanto os contextos históricos e sociais em que os discursos são produzidos e interpretados, permitindo uma análise abrangente das relações entre linguagem e poder, ideologia e cultura.

Orlandi, um dos grandes expoentes da Análise do Discurso, destaca o que seria a Análise do Discurso, antes de a observamos apenas com o olhar gramático, ou sobre quaisquer lentes predeterminadas, Orlandi salienta que:

A análise do discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim a palavra em movimento, prática de linguagem: como estudo do discurso observa-se o homem falando (Orlandi, 1999, p. 15).

Na Análise do Discurso, é essencial considerar o contexto situacional das palavras, bem como seu valor linguístico. Isso significa examinar não apenas o significado literal dos termos, mas também as circunstâncias em que são utilizados e as relações de poder, intenções dos falantes e repercussões sociais e históricas do discurso.

A esse respeito, é imprescindível pontuar os percursos contextuais que os discursos carregam. Orlandi (2009, p. 20) comenta que, “pois, é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam”. Com base nesse pensamento, o materialismo histórico postula-se na afirmativa de que certos conjuntos de ideias e/ou linguajar foram determinados acerca do período que estavam inseridos. Nesse sentido, o encontro com a história na Análise do Discurso dá-se nesse segmento e o resultado seria esse materialismo histórico.

Na Análise do Discurso é essencial reconhecer que o discurso existe independentemente do contexto; contudo, o contexto desempenha um papel fundamental, pois, é nesse âmbito que o discurso se concretiza. Compreender o texto e a historicidade subjacente aos discursos torna a análise mais precisa e coerente, uma vez que ambos se inter-relacionam e se complementam.

Acerca do materialismo histórico, Gregolin (1995, p. 20), esclarece que:

Emprender a análise do discurso significa tentar entender e explicar como se constrói o sentido de um texto e como esse texto se articula com a história e a sociedade que o produziu. O discurso é um objeto, ao mesmo tempo, linguístico e histórico; entendê-lo requer a análise desses dois elementos simultaneamente.

Nesse caso, o discurso constitui-se da ligação dos pontos linguísticos e históricos, analisando conscientemente que um não existe sem o outro, e que ambos se influenciam.

A abordagem da Análise do Discurso (AD) constitui uma corrente que se propõe a examinar e debater os discursos manifestados em diversas modalidades comunicativas. Fairclough (1995) enfatiza que o discurso, enquanto forma de prática social, representa um *modus operandi* na esfera da ação social, sendo simultaneamente constituinte e constituído por relações sociais. Para tanto, a disseminação do discurso ocorre por meio das interações sociais, e sua análise requer a consideração atenta dos agentes envolvidos e do contexto circunstancial.

Para Orlandi (2005, p. 11), o discurso é classificado “como sendo efeito de sentidos entre locutores, um objeto sócio-histórico em que o linguístico está pressuposto”. Como explicitado pelo teórico mencionado, as palavras possuem diversos significados, o que se refere tanto à sua dimensão linguística quanto ao seu valor contextual.

A língua, nesse sentido, exerce um papel crucial e é um dos principais objetos de estudo da Análise do Discurso, podendo carregar diversas conotações e ser utilizada para dizer, não dizer, maldizer, ocultar, manipular, entre outros meandros. Por essas razões, o “falar é uma forma de ação sobre o outro e não apenas uma representação do mundo” (Maingueneau, 2015, p. 52).

Desse modo, o ato da fala e a língua não são meramente extensões do mundo, mas sim ações realizadas por sujeitos imersos em ideologias, tópicos que serão discutidos na segunda parte deste capítulo.

Portanto, entre as diversas camuflagens que a língua pode adaptar-se, há algo que ela não é e nunca será, a língua nunca se encontrará “totalmente fechada em si mesma, sem falhas e sem equívocos” (Orlandi, 2000, p. 22). Nesse sentido, Lacan comenta ainda sobre a língua, ao dizer que ela nunca focará em apenas um sentido. Conforme esclarece:

Toda palavra tem sempre um mais-além, sustenta mais funções, envolve muitos sentidos. Atrás do que diz um discurso há o que ele quer dizer, e, atrás do que ele quer dizer, há ainda um outro querer dizer, e nada será nunca esgotado [...] (Lacan, 1953-54/1983, p. 225).

Por ser extremamente maleável, a língua está sujeita a contínuas transformações. Essas modificações são objeto de estudo no campo da Análise do Discurso. Ao considerar o contexto histórico da língua, é importante destacar que a Análise do Discurso Francesa investiga esses fenômenos. Os teóricos dessa vertente continuam a pesquisar e discutir a relação entre língua e poder, tópicos que serão utilizados nas análises desta pesquisa.

No próximo tópico discutiremos acerca de uma das vertentes da Análise do Discurso (AD), a Análise do Discurso Francesa (ADF).

2.2 Análise do Discurso Francesa

A Análise do Discurso Francesa (ADF) tem como seus principais precursores, Pêcheux, Foucault, Maingueneau, dentre outros. O conceito estabelecido por esses estudiosos focaliza no discurso, considerando os agentes externos e os contextos em que se inserem.

De acordo com Maingueneau (2000, p. 55), corroborando com os estudos de Bakhtin afirma que os enunciados são dependentes uns dos outros “pois, cada gênero de discurso tem sua maneira de tratar a multiplicidade de relações interdiscursivas”. Sendo assim, um discurso se apossa do outro e tudo se emaranha.

É importante destacar que, a Análise do Discurso de vertente Francesa surge da interseção de três disciplinas principais: a psicanálise, a linguística e o marxismo. Com isso, a Análise do Discurso Francesa nasce em meados dos anos 1960, na França, onde as análises nasceram com o intuito de questionar aspectos linguísticos da época. Nessa conjuntura, Malidier (1994, p. 18) pontua que:

Desse modo, o marxismo e a lingüística [sic] presidem o nascimento da AD na conjuntura teórica, bem determinada, na França dos anos 1968-70. Muito naturalmente o projeto se inscreve num objetivo político: a arma científica da lingüística [sic] oferece meios novos para abordar a política (Malidier, 1994, p.18).

É essencial pontuar a abordagem do discurso e suas respectivas interpretações pelos teóricos que compõem a linhagem Francesa da Análise do

Discurso. Conforme Fairclough (2008, p. 91), esclarece então em seus postulados uma das muitas explicações acerca do que é discurso, explicitando que “implica ser o discurso um modelo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação”.

O autor defende que o discurso será e é todas as ações em relação aos textos falados e/ou escritos, enquanto o enunciado será a emissão dos discursos, ambos expostos e precursores de tamanhas ideologias.

Ainda sobre enunciado, Foucault (1969, p. 135) afirma que “um enunciado pertence a uma formação discursiva, como uma frase pertence a um texto, é uma proposição a um conjunto dedutivo”. Em outras palavras, o discurso será o emaranhado de declarações, enunciados, premissas, dentre outros. Para a análise desse discurso, leva-se em consideração todo o ambiente, as pessoas, seus contextos e uma gama de conhecimentos advindos do *background*, pois, essa teoria toma posse dessa relação conjunta do que se diz e do que outros disseram.

Na Análise do Discurso Francesa é comum o embate entre poder e discurso. Bakhtin (2002), ao discutir essa relação sob o viés linguístico, defendia que na tentativa de desmembrar a língua das ideologias durante as análises, seria quase impossível. Uma vez que a língua está intrinsecamente ligada ao sentido ideológico, percebê-la sem as ideologias é quase impossível.

Dessa forma, a Análise do Discurso Francesa se atém a analisar os pormenores políticos e culturais que possam surgir ao analisar os discursos. Esses mesmos pontos analisados na ADF comumente surgem nos discursos, em geral, pois, estão ligados por uma teia em comum, o contexto social.

Sendo assim, é de extrema necessidade pontuar o sujeito do qual o discurso é expelido, pois, este estará ligado às ideologias, como sugere Paul Henry (1992) quando considera esse sujeito como sendo naturalmente exposto às ideologias, que estará sempre e simultaneamente dentro da ideologia quando o próprio age de forma ideológica mesmo que inconscientemente.

Devido essa intencional ligação entre sujeito/discurso/contexto/ideologia, Orlandi (2005, p. 15) fórmula quanto a posição da linguagem na Análise do Discurso quando salienta que:

Concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna

possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive.

Como evidenciado, as palavras possuem poder, já dizia os antigos provérbios, poder esse que carrega, diversas ideologias que muitas das vezes é emanada e compartilhada mesmo que inconscientemente. O dizer e não dizer no que diz respeito à instalação do poder é algo que diversos regimes procuraram ater-se em detrimento de como deveriam instituir seus poderes e suas regras.

Discute-se tanto sobre ideologias, mas o que viriam a ser ideologias? Segundo Fairclough, em sua obra *Language and Power*¹ (1989), a ideologia torna-se mais efetiva quando:

[...] sua ação é menos visível. Se alguém se torna consciente de que um determinado aspecto do senso comum sustenta desigualdades de poder em detrimento de si próprio, aquele aspecto deixa de ser senso comum e pode perder a potencialidade de sustentar desigualdades de poder, isto é, de funcionar ideologicamente (1989, p. 85).

Quando Fairclough (1989, p. 85) menciona na passagem mencionada acima acerca da ideologia afirmando que “sua ação é menos visível”, o teórico sugere que a aparição das ideologias ocorreu de forma sutil. Ao passo que, a censura explicada por Foucault (1996) sugere que essa forma de exclusão acontecerá aos poucos, como a proibição da posse de certos objetos ao ato da fala, até os mais extremos.

Logo, os discursos, sejam os mais simples, carregarão suas ideologias. Nas cartas que analisaremos neste trabalho, é imprescindível destacar que as ideologias, mais especificamente o poder evidenciado nas cartas, existe de forma clara.

Diante disso, neste trabalho, analisaremos quatro cartas que apresentam tipos de exclusões advindas das ideologias, conceitos que Michel Foucault, em sua obra *A ordem do discurso* (1996), nos apresenta como resultados da imposição do poder.

O poder sendo essa instância que se materializa das mais diversas formas e que não é advinda de apenas um local, de um ser. Refletir sobre a existência do poder nas mais diversas relações sociais é um pensamento que já fora estabelecido pelo teórico seguinte que sugere que:

¹ Linguagem e Poder (1989)

É preciso não tomar o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre os outros, de uma classe sobre as outras; mas ter bem presente que o poder não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detêm exclusivamente e aqueles que não o possuem. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles (Foucault, 2004, p. 193).

Logo o poder não é particular dos indivíduos, mas sim usa os agentes para propagação. Os indivíduos agindo como precursores desses poderes, dessas ideologias, exercem suas funções nas relações sociais. Quando Foucault (1969) sugere que o discurso será o emaranhado de enunciações, compreende-se que esses argumentos expelidos pelos agentes sociais serão carregados de relações ideológicas.

Em *A sociedade literária e a torta de casca de batata* (2009) em especial nas cartas que analisaremos, há uma constância nas epístolas. A presença do poder que os soldados nazistas exerceram durante os cinco anos de ocupação mostra-se clara e abundante.

Com o intuito de apresentar os aspectos políticos que estão presentes nas cartas, o próximo capítulo trabalhará diretamente com a função das cartas e os pormenores que as epístolas trazem à obra, e o contexto histórico, de modo a complementar a interpretação do outro.

3 ROMANCE EPISTOLAR

O conceito do romance epistolar dá-se ainda durante o século XVIII, especialmente no cenário europeu, por onde a própria forma de correspondência ganhava sua familiaridade entre burgueses na época. As cartas, sendo o meio de transmissão de ideias, ganharam ainda mais popularidade durante esse período, como cita Medeiros (2023, p. 73), em seu artigo intitulado *O romance epistolar europeu no século XVIII: da sentimentalidade ao amor filosófico*, pontua que “a utilização de cartas como meio de comunicação interpessoal é parte integrante das práticas culturais e da ênfase na subjetividade da época”. Conforme o contexto da época, as cartas se tornaram um dos mais efetivos meios de comunicação, cativando a atenção das elites durante períodos em que as informações eram possíveis por meio das epístolas.

A obra *A Sociedade Literária e a Torta de Casca de Batata* (2009) que discutiremos nos próximos tópicos é composta por cartas 151 que descrevem um contexto que afligiu muitas pessoas durante muitos anos na Ocupação Pós Segunda Guerra Mundial. Na obra, as formas de comunicação foram banidas entre os residentes das ilhas do canal como uma das formas de controle utilizadas pelos nazistas durante o regime dos anos pós-ocupação para evitar a comunicação dos presos na ilha. Contudo, as cartas tornaram-se para alguns personagens no romance a única forma de comunicação com o resto do mundo.

Sobre a inserção das cartas nos romances, Medeiros (2023, p. 82) salienta essa popularidade “na utilização das cartas em romances, ou mesmo romances escritos em forma epistolar é algo muito comum na época, sendo *Os sofrimentos do jovem Werther* (1774)², de Johann Wolfgang Goethe, o exemplo mais conhecido”. Por meio desse novo formato muitos escritores propagaram seus conceitos e suas ideias.

No romance, os protagonistas escrevem em primeira pessoa, atribuindo ao texto uma familiaridade com o leitor e o cativando ainda mais durante sua leitura em uma proposta de imersão na obra. Assim, a troca de cartas, como meio de comunicação, oferecia uma gama de caminhos e ideais filosóficos, ideológicos, políticos e afetivos nelas escritas. Sendo assim, nos próximos tópicos discutiremos

² Goethe, Johann Wolfgang. *Die Leiden des jungen Werther*. München: DTV, 1978

os argumentos que foram levantados nos parágrafos anteriores, considerando o contexto histórico da obra e a importância das epístolas no romance.

3.1 O Contexto histórico de *A Sociedade Literária e a Torta de Casca de Batata*

Em 1940, durante a Segunda Guerra Mundial, as tropas alemãs tomaram a França como parte de sua trajetória de conquistas. O intuito era dominar o Reino Unido, mais especificamente a Inglaterra. Os soldados nazistas, com o plano de entrar sorrateiramente em terras britânicas tentaram encurralar as tropas inimigas tomando as ilhas do canal da Mancha, a Ilha de Guernsey e a Ilha de Jersey, fazendo os moradores de reféns, como evidencia o trecho a seguir:

Eles chegaram aqui no domingo, 30 de junho de 1940, depois de nos terem bombardeado dois dias antes. Eles disseram que não tiveram a intenção de nos bombardear; confundiram nossos caminhões de tomates que estavam no cais com caminhões do exército. Por que eles pensaram isso eu não conseguia entender eles nos atacaram matando cerca de 30 homens mulheres e crianças (Shaffer; Barrows, 2009, p. 48).

Em 1940, as tropas alemãs atacaram Guernsey, resultando na morte de aproximadamente quarenta e quatro (44) pessoas. O bombardeio ocorreu quando os nazistas confrontaram as tropas britânicas, desconheciam que, por pedido de Winston Churchill³, a milícia britânica em Guernsey havia sido evacuada para Londres. Entretanto, a ocupação alemã persistiu por anos nas ilhas, e para controlar os residentes, os soldados estabeleceram regras rigorosas, conforme o trecho a seguir: “eles tinham regras para tudo - faça isso, não faça aquilo, mas estavam sempre mudando de ideia, tentando parecer simpático” (Shaffer; Barrows, 2009, p. 49). Como sugere o excerto, os soldados nazistas possuíam regras para tudo, tinham toque de recolher, entrega de armas, proibição quanto a ouvir rádio ou ler jornais (formas de controle e poder), ao restringirem as comunicações e puniam quem desobedecessem.

³ Segundo Marasciulo (2023), “Winston Churchill foi uma das principais figuras históricas do século 20. Primeiro-ministro da Grã-Bretanha durante a Segunda Guerra Mundial, ele liderou as forças Aliadas que derrotaram a ascensão nazista na Europa”; “[...] sua escolha foi apoiada pela maioria do povo, que o via como uma pessoa capaz de liderar o país nos esforços da Segunda Guerra Mundial. Ficou no cargo até 1945, retornando para mais um mandato entre 1951 e 1955”.

Sob as regras impostas pelos inimigos foi instituído um toque de recolher das 23h às 5h, durante o qual ninguém deveria deixar suas casas. Além disso, os residentes estavam proibidos de consumirem qualquer canal de notícia. Proibiram também, qualquer tipo de arma, incluindo brinquedos, equipamentos esportivos, utensílios dentre outros, tais objetos deveriam ser entregues aos militares, o descumprimento das ordens causaria punições severas, tais como: a prisão ou a deportação para campos de concentração no continente.

Figura 1. A chegada dos alemães em Guernsey



Fonte: *Google imagens*⁴

Desde a chegada do exército alemão às ilhas do canal da mancha, Guernsey e Jersey, até sua partida os militares nazistas persistiram durante cinco anos, comandando e ditando as mais diversas regras para manter todos os residentes de ambas as ilhas sob controle. Ao longo dos anos, especificamente em 1943, as ilhas enfrentaram uma escassez significativa devido à interrupção dos suprimentos que anteriormente eram fornecidos pela Inglaterra. As ordens de Churchill resultaram na insuficiência de produção de suprimentos pelos residentes de Guernsey e Jersey,

⁴ BBC. Germans. 2014. Disponível em: https://ichef.bbci.co.uk/news/624/mcs/media/images/77950000/jpg/_77950946_germans.jpg. Acesso em: 26 jun. 2024.

causando problemas tanto para os cidadãos quanto para as tropas alemãs estacionadas nas ilhas.

Apesar do autoritarismo, os nazistas buscavam parecer humano, visando ludibriar a população e criar uma imagem positiva da Ocupação alemã com o objetivo de apresentar ao mundo que o regime alemão era necessário e bom: “o objetivo deles era provar aos britânicos que a ocupação alemã era uma ocupação modelo” (Shaffer; Barrows, 2009, p. 39).

Apoiando-se no argumento de que estavam fazendo o correto, os soldados maltrataram e submeteram diversos homens, mulheres e crianças a piores condições de vida possíveis durante os cinco anos de ocupação. Para implantar essa ideologia é necessário compreendermos que, a princípio, as tropas nazistas “seduziram”, os residentes como esse modelo harmonioso e “pacífico de convivência”.

É necessário, antes de tudo, nos livrarmos dos clichês: não, os alemães não percorriam as ruas, armas em punho; não, eles não forçavam os civis a lhes ceder espaços nas ruas, a descer das calçadas diante deles; eles ofereciam, no metrô, os assentos a velhas senhoras, frequentemente, eles se enterneciam com as crianças e lhes acariciavam as bochechas, haviam lhes dito para se mostrar corretos e eles se mostravam corretos, com timidez e aplicação, por disciplina; às vezes, eles manifestavam até mesmo uma boa vontade ingênua que não servia para nada (Sartre, 2003, p. 18).

Nas cartas, é evidenciada a existência da vontade das tropas em seduzir os residentes, e posteriormente a “farsa” revelada nos comportamentos monstruosos dos soldados alemães. Para tanto, as tropas envolveram os residentes até acreditarem que a ocupação era necessária e benéfica entre as ilhas. Com esse intuito, os nazistas invadiram as ilhas para enfrentarem e derrotarem as tropas britânicas. No entanto, desconheciam que, a pedido de Winston Churchill, então Primeiro-Ministro do Reino Unido durante a Segunda Guerra Mundial, toda a guarnição britânica havia sido evacuada de Guernsey para Londres. Assim, Churchill ordenou que as forças britânicas deixassem Guernsey, com algumas crianças menores de 15 anos e alguns adultos, dias antes da chegada dos nazistas.

Apesar de o plano alemão não ter sucedido conforme esperado, os soldados permaneceram nas ilhas por anos, exercendo controle total sobre todas as áreas de Guernsey. Durante os anos de Ocupação, a escassez em Guernsey se agravava

pela evacuação do exército britânico e pela interrupção do envio de suprimentos, o que fez com que os habitantes se alimentassem de recursos locais, incluindo animais de fazenda.

Em 1943, o exército alemão requisitou que todos os animais de fazenda, como porcos, gados, galinhas, entre outros, fossem entregues aos militares para serem utilizados nas refeições. Quando esses animais se esgotaram, os militares nazistas obrigaram todos os residentes de Guernsey a entregar seus animais de estimação, que seriam consumidos pelas tropas alemãs. Com a coleta compulsória dos animais de fazenda, a ilha rapidamente ficou sem animais. Conseqüentemente, os militares impuseram à população a obrigação de plantar apenas batatas e alguns vegetais. Sendo assim, a escassez tornou-se uma realidade em Guernsey devido à falta de abastecimento nas ilhas. Em resposta a essa carência, os habitantes locais se viram forçados a depender de uma variedade de recursos locais, não mais contando com mercadorias provenientes da Inglaterra.

A situação agravou-se devido às ordens emitidas por Churchill, que resultaram na evacuação do exército britânico e na interrupção do envio de suprimentos para a subsistência da população no Canal da Mancha. A insuficiência de produção local adequada em Guernsey e Jersey causou inúmeros problemas nas ilhas, afetando tanto os cidadãos quanto as tropas alemãs estacionadas nas regiões.

Com a falta de animais e restrições alimentares quase não havia mais suprimentos, a batata tornou-se predominante na culinária local, como evidencia o fragmento a seguir: “como quase não havia manteiga, farinha menos ainda nenhum açúcar em Guernsey na época, Will inventou uma torta de casca de batata” (Shaffer; Barrows, 2009, p. 40). A torta de casca de batata, mencionada na obra, simboliza a resistência da população diante das adversidades e se torna uma iguaria apreciada como forma de persistir diante das crueldades da ocupação alemã em Guernsey.

3.2 A Construção de uma narrativa por meio de cartas

A estrutura de um gênero textual revela significativamente o texto a ser apresentado. Cada gênero possui uma forma específica que auxilia na interpretação da narrativa. A fábula, por exemplo, incorpora, ao final, uma moral da história a ser transmitida, enquanto a narrativa se vale de elementos ambientais e personagens para identificação do gênero.

Em relação à obra “*A Sociedade Literária e a Torta de Casca de Batata*” (2009), existem características tanto do gênero romance quanto da ficção histórica. Contudo, a singularidade da obra reside em seu formato peculiar, composta integralmente por correspondências, as cartas. Assim, os personagens se comunicam através de cartas estabelecendo uma atmosfera íntima entre seus leitores e os acontecimentos no romance. Uma vez que esse formato específico das cartas, revela-se ideal ao longo da obra, pois, contextualiza com maestria a perspectiva dos personagens diante das situações vivenciadas.

Sobre a importância das cartas, Michel Foucault (1966) explica que as cartas são a forma mais pura das relações humanas, pois, apesar de serem constituídas de palavras, elas irão expressar o que há de mais íntimo das relações sociais, sendo essa prática uma forma favorecida de comunicação. Dessa forma, em cada correspondência, o leitor absorve as ideias e reflexões de cada personagem, alinhadas ao propósito primordial da comunicação.

Enquanto, McLuhan (1964) destaca que a carta será esse lugar em que todos os sentidos serão misturados, fazendo com que se crie uma relação mais íntima diante da distante comunicação na contemporaneidade. Reiteramos que, a escolha do formato de cartas na obra estabelece uma relação mais íntima com o leitor, proporcionando uma imersão no âmago da trama e revelando o lado humano subjacente aos personagens por meio de suas opiniões expressas perante aquele cenário de pavor.

A finalidade das cartas desde o surgimento era o de documentar o que acontecia nos impérios, reinos e monarquias, como também, tempos depois o de expressar-se e comunicar-se com o mundo e suas evoluções. Nesse sentido, Brigitte Diaz (2016, p. 13), levanta a seguinte questão: “É a carta, então, texto ou documento?”, averigua-se pelas afirmativas acima que a carta é composta pelos dois elementos, porque um não discrimina o outro, para a história as cartas são vistas com um teor mais documental, que é possível de análise somente porque é texto.

Ao longo da narrativa emerge um aprendizado significativo sobre a Segunda Guerra Mundial e os conflitos internos em Guernsey por meio da escrita. A obra faz referência à abolição de telegramas, telégrafos, jornais e outros meios de comunicação na ilha, visando manter o controle sobre seus residentes, como evidencia o trecho a seguir:

O objetivo deles era provar aos britânicos que a ocupação alemã era uma ocupação modelo. Como essa mensagem seria enviada ao mundo exterior eles nunca explicaram, já que os telefones e o telegrafo entre Guernsey e Londres tinham sido cortados no dia em que os alemães desembarcaram, em junho de 1940 (Shaffer; Barrows, 2009, p. 39).

Os canais de comunicação em Guernsey foram propositalmente interrompidos, resultando em um isolamento temporal, onde os habitantes ficaram desprovidos de informações do mundo exterior, enquanto o restante do mundo permanecia alheio aos eventos na ilha. Enquanto, na Austrália e na França, a comunicação via telégrafo se mantinha viável.

No início da narrativa, observa-se o compartilhamento de telegramas de Londres para a Austrália, mas, curiosamente, nenhum destinado a Guernsey. Um exemplo ilustrativo desse fenômeno é evidenciado por meio do telegrama enviado pela personagem Juliet a Sidney: "SINTO MUITO TER ENVERGONHADO VOCÊ E A STEPHENS & STARK. AMOR, JULIET" (Shaffer; Barrows, 2009, p. 29).

Somente nos momentos finais da obra é que se observa o envio de telegramas a partir de Guernsey, um evento que ocorre nos últimos parágrafos do livro. Um desses telegramas é originado na ilha e enviado por Juliet a seu amigo em Londres, marcando um ponto culminante na transformação da dinâmica comunicativa em Guernsey. Como explicita o trecho a seguir:

Telegrama de Juliet para Sidney, 11 de setembro de 1946.

ESTOU EXTREMAMENTE INFELIZ. VI DAWSEY EM ST. PETER PORT ESTA TARDE, COMPRANDO MALAS DE BRAÇOS DADOS COM REMY, AMBOS SORRINDO FELIZES. SERÁ PARA A LUA DE MEL DELES? QUE TOLA QUE EU SOU. A CULPA É SUA. SUA INFELIZ JULIET (Shaffer; Barrows, 2009, p. 181).

A opção pelo formato epistolar na composição do livro testemunha a condição dos habitantes de Guernsey. Apesar de a guerra ter encerrado quando as cartas foram compartilhadas, a troca de correspondências ainda representava a forma mais contemporânea de comunicação entre os habitantes de Guernsey. Após um período de paralisia durante a Ocupação, a ilha retomava a conexão com o mundo de maneira gradual, por meio das cartas que evidenciam a transição e a libertação experimentada pelos residentes, após anos de submissão aos nazistas.

Após a libertação, os habitantes de Guernsey poderiam comprar telefones e/ou enviar telegramas, mas ainda assim se comunicavam através de cartas, mostrando o estado de retrocesso e trauma devido às diversas censuras impostas nas ilhas pelos nazistas. Aos poucos, as ilhas estavam se reconstruindo com o acesso ao papel, as notícias e o retorno das especiarias. Dessa forma, a presença das cartas na obra demonstra também uma reflexão sobre a liberdade comunicativa do povo da Ilha de Guernsey ao enviar tais correspondências. Mary Ann Shaffer e Annie Barrows fazem uso da aproximação que as cartas permitem em uma conexão íntima com o leitor para discutir no ambiente da ficção a compreensão dos fatos históricos ali descritos. Assim, temos nas palavras Jacomel (2008), o uso das epístolas na ficção.

O resgate de um acontecimento feito através da obra de arte sempre gera polêmica, pois, nessa “visita” ao passado, podemos descobrir fatos até então não revelados, devido às questões de interesse de grupos conservadores que se sucedem no alto da pirâmide da crítica literária (Jacomel, 2008, p. 422).

Dessa forma, a utilização das cartas situa o leitor sobre os acontecimentos na década de 1940 nas ilhas do canal da Mancha (Guernsey e Jersey), mas ainda assim o meio perdura na ficção, a credibilidade então, acaba sendo questionada, pois, nessa “visita ao passado” apontado por Jacomel, muitos fatos podem ser revelados, trazendo à tona um fato que até o momento não era livremente conhecido por muitos.

Na obra, *A sociedade literária e a torta de casca de batata* (2009), em uma das epístolas há também um meio que circunda os residentes no instante que uma das personagens principais deseja fazer uma visita à história, mas os participantes da sociedade mostram-se preocupados quando:

Entendo que o nosso nome, Sociedade Literária e Torta de Casca de Batata de Guernsey, é incomum e pode ser facilmente ridicularizado. A senhorita pode me assegurar de que não vai ficar tentada a fazer isso? Os membros da sociedade me são muito caros, e não quero que eles sejam vistos como motivo de riso pelos seus leitores (Shaffer; Barrows, 2009, p. 32).

Apontado isso, podemos compreender que as preocupações em como recontar a história são existentes e deve ser algo que os autores precisam atentar-se. No próximo capítulo, discutiremos as cartas pelo viés analítico com base na teoria da Análise do Discurso.

4. ANÁLISE DISCURSIVA DAS CARTAS EM *A SOCIEDADE LITERÁRIA E A TORTA DE CASCA DE BATATA*

Este terceiro e último capítulo é destinado às análises. Primeiramente, discutiremos os elementos comuns ao gênero romance epistolar, retomando as discussões realizadas no segundo capítulo e elencando os elementos discursivos presentes em “A Sociedade Literária e a Torta de Casca de Batata” (2009). Em seguida, realizaremos a análise das quatro cartas, utilizando como referência a Análise do Discurso, teoria discutida no primeiro capítulo.

4.1 Os elementos discursivos presentes no romance epistolar

Como discutido no capítulo anterior, a obra “A Sociedade *Literária e a Torta de Casca de Batata*” (2009) é um romance epistolar que narra a mudança drástica de moradores das ilhas de Guernsey e Jersey ocupada pelos soldados nazistas no Pós-Segunda Guerra. Desde o surgimento do papel-moedas as cartas eram utilizadas de forma abundante para a comunicação tanto no oriente como no ocidente, facilitando a comunicação no compartilhamento de mensagens como atualmente realizamos com o uso das redes sociais.

No século XVIII, particularmente na Europa, as cartas adentraram no universo literário. Bouvet (2006, p.182) nos esclarece que “[...] são escritos na forma epistolar romances, textos filosóficos, artigos de jornais, cartas abertas, relatos de viagem, panfletos e correspondência privada que explora a ambiguidade ficção-realidade⁵[...]”.

As cartas, com sua popularidade na época, adentraram na literatura, retratando as relações entre os mais diversos sujeitos. Retomando o pensamento de Bouvet (2006), o uso de epístolas nos textos orbita entre a ficção e a realidade semelhante ao que acontece na obra *A sociedade literária e torta de casca de batata* (2009), é importante lembrar que a Ocupação fato ocorreu no Canal da Mancha e está presente na obra.

O “casamento” da literatura com as cartas resulta nos romances epistolares. E trazem consigo um chamamento que atrai o leitor. Para Figueiredo (2013, p. 194):

⁵ No original: “[...] se escriben en forma epistolar novelas, textos filosóficos, artículos de periódicos, cartas abiertas, relaciones de viajes, panfletos, y correspondencia privada que explotan la ambigüedad ficción-realidad [...]”.

este seria o efeito da literatura: mexer com as pessoas que leem, provocar nelas um abalo, tirá-las da rotina e da acomodação, ou seja, o caráter transgressivo da literatura, compreendida como escrita e leitura, binômio inseparável.

O autor defende o sentido da literatura em provocar um abalo nas pessoas, algo que observamos no romance. A proximidade com o leitor por meio das cartas facilita esse processo de imersão na narrativa. Outro ponto discursivo que emerge nas narrativas epistolares é a 'leveza' que é interrompida pela crueldade descrita nas cartas sobre as maldades que o militarismo nazista impôs a muitos residentes das ilhas do Canal da Mancha.

Outro elemento a ser destacado é o tempo e o espaço nas epístolas. O cenário de "A Sociedade Literária e a Torta de Casca de Batata" (2009) é o período pós-Segunda Guerra Mundial, nos anos subsequentes a 1940. O conhecimento sobre o período histórico em que a narrativa se enquadra proporciona uma melhor compreensão da obra. Quando o leitor tem consciência do contexto histórico, há uma sensação, ainda que superficial, de que os personagens são reais, especialmente nas emoções descritas por aqueles que passaram por situações dolorosas no contexto bélico.

Na obra "A Sociedade Literária e a Torta de Casca de Batata" (2009), há diversos elementos discursivos que foram debatidos nos parágrafos anteriores. Podemos destacar a presença dos personagens em primeira pessoa, uma constante em diversas obras epistolares. Outra característica notável é a descrição do tempo e do espaço em que a história se situa, aspectos fortemente marcados nas cartas."

Para exemplificar tais aspectos, eis um trecho:

Eu conhecia todos os membros, mas não os conhecia muito bem. Dawsey era **meu** vizinho havia mais de trinta anos; no entanto, acho que **eu** nunca tinha falado com ele sobre outra coisa que não fosse o tempo e o cultivo de fazenda. Isola era uma amiga querida, e Eben também, mas Will Thisbee era apenas um conhecido, e John Booker era quase um estranho, pois tinha acabado de chegar quando os alemães vieram. O que tínhamos em comum era Elizabeth. Sem seu incentivo, **eu** jamais teria pensado em convidá-los para dividir **meu** porco, e a Sociedade Literária e Torta de Casca de Batata de Guernsey nunca teria nascido (Shaffer; Barrows, 2009, p. 40, grifo nosso).

Como evidenciado no parágrafo acima, observamos a presença e o detalhamento do espaço e tempo, marcando essa forma informal que as epístolas

oferecem e que interliga o leitor e o texto. Quando no trecho há excertos que sugerem o ambiente é onde o espaço e o tempo se materializam respectivamente, como, por exemplo, em: “cultivo da fazenda”, “vizinho” e “mais de trinta anos”, “acabado de chegar quando os alemães vieram”, (Shaffer; Barrows, 2009, p. 40). Sentenças como essas estão presentes em todas as cartas, particularmente às quatro escolhidas para análise. Características estas comuns do gênero epistolar.

4.2 Discurso e as relações de poder na narrativa

As cartas escolhidas para a análise compreendem aquelas enviadas por Amelia e endereçadas a Juliet. A primeira carta é datada de 18 de fevereiro de 1946. A segunda carta analisada é de 10 de abril de 1946. A terceira carta é de 12 de junho de 1946. Por último, a quarta carta analisada foi enviada por Eben Ramsey e endereçada a Juliet em 28 de fevereiro de 1946.

Nas cartas selecionadas, há algo que se repete nas correspondências: a instabilidade do poder nazista e as punições dadas aos residentes e/ou prisioneiros. A comunicação cortada de Guernsey com o mundo e a perspectiva dos personagens sobre a chegada das tropas alemãs nos anos em que residiram nas ilhas são temas recorrentes.

Em *A Ordem do Discurso* (1996), Michel Foucault explica que os princípios de exclusão se baseiam em três pilares: o primeiro princípio é o da interdição, que diz respeito aos direitos e proibições que existem no ato da fala, ou seja, a censura. O segundo pilar é o procedimento da exclusão, a retirada daquele que possui o discurso do “louco”. O terceiro pilar é a vontade da verdade, ou seja, contar o discurso que transmita a verdade. Sendo assim, podemos associar os princípios foucaultianos com as formas como o exército alemão deteve o poder durante os cinco anos nas ilhas de Guernsey e Jersey, sob controle. Nas quatro cartas analisadas, existe a presença dos três tipos de exclusão.

Na primeira carta, escrita por Amelia e endereçada a Juliet, datada de 18 de fevereiro de 1946, um ano após a Ocupação, encontram-se diversas evidências sobre a chegada dos alemães e a instabilidade do poder que o exército nazista exercia nas ilhas do Canal da Mancha.

A instabilidade do poderio alemão durante o início da Ocupação manifestou-se da seguinte forma: encorajavam os residentes a aceitarem as regras, espalhando a ideia de que a Ocupação era algo a ser almejado por todos os países.

Argumentavam que o cerceamento era o melhor para o Reino Unido e para o progresso da nação. A instabilidade do poder nazista pode ser evidenciada no trecho a seguir: “qualquer que fosse o raciocínio torto deles, o fato é que as Ilhas do Canal foram tratadas com muito mais indulgência do que o restante da Europa conquistada – a princípio” (Shaffer; Barrows, 2009, p. 39).

Parecer solícito no início e depois impor suas regras era a estratégia dos soldados e da militância como um todo. Encorajar certos comportamentos artísticos para mascarar a verdadeira natureza de seus atos era uma prática comum no início da Ocupação. Para ludibriar muitos, os alemães agiam dessa forma, pois, “como esse poder é exercido, manifestado, descrito, disfarçado ou legitimado por textos e declarações orais dentro do contexto social” (Dijk, 2008, p. 39). No comportamento “saudosos” dos nazistas é que o poder mais tarde seria transparecido. Como evidencia o trecho da obra citado acima, havia uma certa instabilidade na imposição de regras. Além disso, existia também inconstância na aplicação dos poderes à medida que as cartas documentavam as ações de implantação do sistema nazista nas ilhas.

Eles tinham regras para tudo – faça isso, não faça aquilo, mas estavam sempre mudando de ideia, tentando parecer simpáticos, como se estivessem sacudindo uma cenoura na frente do nariz de um burro. Mas nós não éramos burros. Então eles ficavam zangados de novo. Por exemplo, eles estavam sempre mudando a hora do toque de recolher – oito da noite, ou nove, ou cinco da tarde – se estivessem muito zangados (Shaffer; Barrows, 2009, p. 49).

As regras impostas pelo exército alemão variavam em uma espécie de instabilidade estratégica, incluindo o toque de recolher, a extinção de armas brancas e os cortes nos canais de comunicação. Todos esses meios de comando que os soldados impuseram nas Ilhas do Canal da Mancha resultaram em um dos princípios foucaultianos, o da exclusão e censura. Dessa forma, a militância foi implantada em Guernsey. Os canais de comunicação, como telefones e telegramas, foram cortados, e as ilhas ficaram paralisadas durante os cinco anos de ocupação nazista, como percebemos no trecho a seguir:

O objetivo deles era provar aos britânicos que a Ocupação Alemã era uma Ocupação Modelo. Como essa mensagem seria enviada ao mundo exterior eles nunca explicaram, já que os telefones e o telégrafo entre Guernsey e Londres tinham sido cortados no dia em

que os alemães desembarcaram, em junho de 1940 (Shaffer; Barrows, 2009, p. 39).

Nesse ato de censurar tais ações, podemos citar: a proibição do acesso a rádios, jornais e telefones. Nessa censura Van Dijk (2008), salienta que "em um sentido amplo, incluindo características não verbais como gestos, expressões faciais, layout de texto, imagens, sons, música" (2008, p. 251). A censura ocorre quando há a proibição de diversas ações sejam as mais mínimas das mais extremas.

Durante os cinco anos o exército alemão comandou todos os residentes das ilhas do canal, na interdição, no ato de controlar o que pode ou não pode ser feito, o que pode ou não ser dito, conforme os pilares de Michel Foucault. De forma drástica, a censura alastrou-se durante a Ocupação. Na reflexão do filósofo,

em uma sociedade como a nossa, conhecemos [...] procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar qualquer coisa (Foucault, 2010, p. 9).

A mediação forçada era o dever dos soldados alemães desde o primeiro contato com os moradores das ilhas assim regras foram estipuladas para manter os residentes sob controle, a censura facilitou o regime nazista mantendo todos em um ritmo de opressão. Foucault (2008, p. 270) explica as formas de dominação pela violência.

A humanidade não progride lentamente, de combate em combate, até uma reciprocidade universal, na qual as regras substituiriam, para sempre a guerra; ela instala cada uma dessas violências em um sistema de regras, e prossegue assim de dominação em dominação.

No romance, a implantação de regras propagou o poderio na artimanha que diversos regimes nazistas utilizam para prolongar seus mandatos. Os soldados somente se retiravam das ilhas quando era necessário ou quando o exército estivesse em outro país. Esse *modus operandi* dos nazistas funcionavam como mecanismos de controle nas relações de poder. A desobediência causava diversos problemas para os residentes, conforme trecho: "mas desrespeitar o toque de recolher era crime – eu tinha ouvido dizer que pessoas eram mandadas para campos de concentração por causa disso" (Shaffer; Barrows, 2009, p. 25).

Na necessidade de demonstrar poder e domínio sob as pessoas, poder esse anteriormente discutido, mas que Van Dijk (2008, p. 17) aponta que o "poder social em termos de controle, isto é, de controle de um grupo sobre outros grupos e seus membros", no passo que o teórico sustenta o argumento que o poder se instaura à medida que surge a vontade de controlar as ações, na obra *A sociedade literária e a torta de casca de batata* (2009), os poderes instalados durante a Ocupação traziam consigo um querer para controlar os residentes, nesse controle é que nasceram as punições.

O ato de punir, por assim dizer, surge no intuito de estipular quem manda e quem deve obedecer nasce então para manter todos sob controle e aterrorizados, sentirem-se incapazes de controlar a situação. Assim, "a justiça só prendia uma proporção irrisória de criminosos; ela se utilizava do fato para dizer: é preciso que a punição seja espetacular para que os outros tenham medo" (Foucault, 2004, p. 217). Punir não para repreender o erro, mas sim para manter os demais sob controle. A censura, o primeiro ato de exclusão, resulta no segundo ato que diz respeito à segregação do discurso do louco.

O segundo princípio de exclusão seria o ato de segregar aquele que possui o discurso do "louco", ou seja, aquela pessoa ou pessoas, que possuem opiniões em meio à uma população que pode interferir na ordem de quem comanda, gerando assim um motim. Nesse contexto, o ato de retirar a pessoa que possui uma opinião que difere daquelas impostas por tal regime é uma tática que advém do ato de censurar as pessoas. Como forma de punição há essa retirada de quem possui esse discurso de louco diante dos demais para que esse discurso não se propague.

Na segunda correspondência escrita por Amélia e endereçada para Juliet datada de 10 de abril de 1946. A narrativa apresenta que a Ilha de Guernsey recebia diversos prisioneiros para trabalhar no Canal da Mancha, enquanto os residentes temiam as punições dos soldados e eram enviados para campos de concentração no continente.

Da mesma forma que essa ameaça era iminente para os residentes, os demais países que estavam sob domínio alemão encontravam-se na mesma situação. Outros países que estavam sob regime alemão tinham seus prisioneiros enviados para Guernsey. Como é exibido no trecho abaixo:

Então, é claro, ele precisava de milhares de trabalhadores escravos; homens e meninos foram recrutados, alguns estavam presos e outros foram simplesmente apanhados nas ruas – em filas de cinema, em cafés, nas estradas e nos campos de qualquer território ocupado pelos alemães. Havia até prisioneiros políticos da Guerra Civil Espanhola. Os prisioneiros de guerra russos eram os mais maltratados, talvez por causa da sua vitória sobre os alemães no front russo (Shaffer; Barrows, 2009, p. 77).

Nessa linha de pensamento Foucault (2013) apresenta o segundo procedimento de exclusão que foi realizado pelos nazistas, o de separação e rejeição, que se caracteriza em separar aquele que apresenta o discurso do louco. Em alguns personagens o medo de parar nos campos de concentração era tão iminente que permaneciam calados e obedeciam às ordens.

Muitos calaram-se e obedeceram às regras, tanto narrativa quanto na realidade em diversos testemunhos de sobreviventes do holocausto. Entretanto, no romance, a personagem Elizabeth McKenna age ao contrário da forma que os soldados na discordância temos o discurso do louco intitulado por Foucault. Elizabeth McKenna, foi contra as ordens, e acaba sendo enviada ao continente para receber sua devida punição, da mesma forma que se sucedeu com outros prisioneiros que acabaram nas ilhas do canal. Elizabeth é marcada na obra como um símbolo de resistência contra a Ocupação e se torna uma marca de luta contra aqueles que não podiam lutar.

Foucault (1996) discute os pormenores dessa segunda forma de exclusão, afirmando que nessa instância, os agentes no poder retiram aquele que possui o discurso do louco do convívio em sociedade para que aquele discurso não se propague e infecte os demais indivíduos.

Para isso, o autor, Foucault (1996, p. 13), determine o que seria esse louco, ou esse acesso à loucura, apontando que: “se é necessário o silêncio da razão para curar os monstros, basta que o silêncio esteja alerta, e eis que a separação permanece”

A separação do discurso do louco destina-se a duas instâncias. Primeiramente esse discurso pode estar infectado o que pode causar danos a sociedade em questão, discurso esse que pode até corromper os demais indivíduos.

E na segunda instância esse discurso pode ganhar poderes o que, dependendo do regime imposto, pode afetar e causar motins. No caso da obra, *A sociedade literária e a torta de casca de batata* (2009), a segregação que ocorre é

devido ao não cumprimento das regras, o que posteriormente pode causar um motim. Essa segregação seria então uma consequência do primeiro tipo de exclusão imposta por Foucault em sua obra "A ordem *do discurso*" (1996).

Na carta escrita por Amélia e enviada para Juliet há a apresentação de que diversos prisioneiros vieram parar nas ilhas de Guernsey e Jersey como forma de punição pelas desobediências que causaram a militância nazista. Essa forma de segregação é e deve ser compreendida como forma de separar o discurso daquele que convém à loucura.

Na carta citada acima há diversas provas de que o envio de prisioneiros aconteceu tanto em Guernsey quanto em outros países, eis um excerto da obra que comprova a chegada desses prisioneiros e a forma com a qual os soldados tratavam os mesmos.

Os trabalhadores Todt as construíram. Sei que você já ouviu falar nos trabalhadores escravos da Alemanha em campos no continente, mas você sabia que Hitler mandou mais de dezesseis mil deles para cá, para as Ilhas do Canal?

[...] então, é claro, ele precisava de milhares de trabalhadores escravos; homens e meninos foram recrutados, alguns estavam presos e outros foram simplesmente apanhados nas ruas – em filas de cinema, em cafés, nas estradas e nos campos de qualquer território ocupado pelos alemães. Havia até prisioneiros políticos da Guerra Civil Espanhola. Os prisioneiros de guerra russos eram os mais maltratados, talvez por causa da sua vitória sobre os alemães no front russo (Shaffer; Barrows, 2009, p. 77).

No trecho apresentado acima, claramente é visível que durante a Ocupação havia diversos estrangeiros nas ilhas apenas com o intuito de servirem como escravos. Da mesma forma que mais de dezesseis mil prisioneiros vieram para em Guernsey, muitos residentes também foram forçados a sair de suas ilhas como pena pela desobediência. Uma dessas personagens que se pode citar é a Elizabeth Mckenna, que como aludido anteriormente fora a personagem que expelia a resistência durante o regime.

Na carta recebida em Guernsey, no dia 12 de junho de 1946, há o encontro de diversas evidências da forma autoritária que a militância alemã tratava os seus prisioneiros, nessa carta também há descrições do local onde os residentes que desobedeciam às regras dos soldados iriam parar. Vale ressaltar que o princípio de exclusão que exerciam aqui, denominado por Foucault (1996), seria a segregação

do discurso do louco, eram expulsos muitos dos residentes que desobedeciam às regras e que agindo assim, causando transtornos fazendo com que os demais agissem da mesma forma.

Elizabeth Mckenna, uma das protagonistas da obra, foi enviada a esses campos de concentração, onde mais tarde foi morta pelos nazistas. É imprescindível destacar que essa personagem fora o marco da resistência durante a Ocupação, pela constante luta pelos indefesos, no caso das ilhas; por estarem sem a proteção da Inglaterra, de todos os residentes.

Mckenna sempre lutava pelos mais vulneráveis, e sua coragem era apreciada por muitos que temiam os soldados. O fato de uns confrontarem e outros obedecerem era a fórmula perfeita para que o poder se instaurasse. Foucault, ainda em sua obra *A ordem do discurso* (1996), argumenta que no centro de quaisquer relações de poder há a resistência à obediência, o ato de ir contra as regras do regime é uma constância nas diversas instâncias de poder e em seus regimes.

Na obra, "*A sociedade literária e a torta de casca de batata*" (2009), não é o contrário. Elizabeth sendo a personificação dessa resistência somente comprova essas relações de poderes e a presença, na imaginação dos nazistas talvez, da necessidade da instauração de tais princípios que excluía os indivíduos que não seguiam as regras.

Elizabeth então é mandada aos campos de concentração, como evidencia o trecho abaixo:

Mal tinha passado um ano, Elizabeth, irresponsável como sempre, cometeu um ato criminoso expressamente proibido pela Força de Ocupação Alemã – ela abrigou e alimentou um fugitivo do Exército alemão. Foi detida e enviada à prisão no continente (Shaffer; Barrows, 2009, p. 52).

A forma monstruosa que os prisioneiros eram tratados encontra-se na carta recebida em Guernsey em 12 de junho de 1946, nessa carta é possível entendermos que os prisioneiros viviam em pequenos blocos e eram tratados como animais. As suas tarefas variavam das mais diversas, entre elas cavar buracos, empurrar carros de mão dentre outros. Há nessa epístola também, o depoimento de uma das suas amigas de bloco que vivenciou a coragem de Mckenna e conta que ela ajudava a todos, mesmo que esse ato significava que ela seria punida mais severamente. Por fim, a amiga de Elizabeth nos conta como fora sua morte:

Agora vou contar-lhes como ela morreu. Frequentemente, depois de estar no campo por alguns meses, as mulheres paravam de menstruar. Mas algumas não paravam. Os médicos do campo não tinham tomado nenhuma providência com relação à higiene das mulheres durante esse período – nem trapos, nem toalhas sanitárias, nem sabão. As mulheres que continuavam menstruando tinham de deixar o sangue escorrer por suas pernas. Os alemães gostavam disso, desse sangue repugnante, porque dava a eles uma desculpa para gritar, para bater. Uma mulher chamada Binta era a supervisora da nossa chamada noturna e ficou irritada com uma moça que estava sangrando. Gritou com ela e a ameaçou com sua vara. Então começou a bater na moça. [...] **Elizabeth saiu da fila depressa – muito depressa. Ela tirou a vara da mão de Binta e começou a bater nela, sem parar.** Os guardas vieram correndo e dois atiraram Elizabeth no chão com seus rifles. Eles a atiraram no caminhão e a levaram de novo para o castigo. [...] Um dos guardas me contou que na manhã seguinte os soldados formaram um círculo em volta de Elizabeth e a tiraram da cela. Do lado de fora dos muros do campo havia um bosque de papoulas. Os galhos das árvores formavam uma aleia e **Elizabeth caminhou por ela, sozinha, sem ajuda. Ela se ajoelhou no chão e eles deram um tiro em sua nuca** (Shaffer; Barrows, 2009, p. 126, grifo nosso).

Como explicita o trecho acima, a forma com a qual a militância alemã comportava-se com os prisioneiros dos demais países é extremamente aparente e marca assim o encontro das duas formas de exclusão. O primeiro princípio, a censura por proibir que os residentes se comportassem de certa forma, e, por conseguinte, a retirada desse indivíduo do meio social, essa forma de punição sendo a segregação do discurso do louco.

Quando no trecho é apresentado que “[...] os alemães gostavam disso, desse sangue repugnante, porque dava a eles uma desculpa para gritar, para bater”, é evidenciado a forma cruel para com a qual os soldados tratavam as pessoas, quando se debate sobre essa retirada do discurso do louco entende-se que essa ação acontece como um meio de vingar o ato errôneo que os prisioneiros cometeram, uma forma de puni-los e segregá-los.

Sobre punir, Foucault em sua obra *Vigiar e Punir* (2001) aponta que

Fazer da punição e da repressão das ilegalidades uma função regular, coextensiva à sociedade; não punir menos, mas punir melhor; punir talvez com uma severidade atenuada, mas para punir com mais universalidade e necessidade; inserir mais profundidade no corpo social o poder de punir (Foucault, 2001, p. 69 – 70).

No ato de punir, os soldados encontraram uma forma efetiva e ágil de repreender os indivíduos que não agiam da forma que era imposta. Quando é mencionado no trecho acima “não punir menos, mas punir melhor”, é passível de compreensão que a atitude da militância alemã era essa, punir, sempre punir. Tratando-se da segunda forma de exclusão, a punição seria a segregação para trabalharem como escravos nos campos de concentração no continente.

Segregar esse ser do meio em que vivia por pura vingança, pois, não condiziam com o regime instaurado era a principal tarefa dos soldados, nesse ato da retirada dos indivíduos há então solidificações de poder. É válido lembrar que a instalação do poder se deu possível através dos discursos, dos modos de controle que os soldados impuseram no instante que adentraram as regiões.

Orlandi (1999, p. 47) salienta que “essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive”. A permanência da militância nazista foi possivelmente através das emissões das regras e poderios que espalhavam em Guernsey e Jersey, por outro lado, o deslocamento e a segregação de muitos foi resultado dessas leis e dos comandos.

Na última carta a ser analisada, escrita por Eben Ramsey e endereçada à Juliet, datada de 28 de fevereiro de 1946, é descrita no início da correspondência a chegada dos soldados no fatídico dia de 30 de junho, quando as ilhas foram bombardeadas. Nessa epístola há excertos que descrevem como era a vida nas ilhas nos anos iniciais da ocupação. Durante muitos anos, a militância alemã mostrou-se complacente aos residentes, como explicita o trecho:

A princípio, eles foram muito gentis. Estavam todas prosas ⁶por terem conquistado um pedacinho da Inglaterra, e eram burros o bastante para achar que num instante estariam desembarcando em Londres. Quando viram que isso não ia acontecer, voltaram à sua maldade característica (Shaffer; Barrows, 2009, p. 49).

Como sugere o trecho acima, no início da Ocupação os soldados eram gentis e até incentivavam comportamentos artísticos, pois, a meta deles nesse primeiro contato com as ilhas era provar que tal regime era necessário para a evolução social.

⁶ Significado sugerido: *diz-se de quem é ou está cheio de si; PEDANTE; CONVENCIDO: Ele ficou todo prosa com os elogios.*

No instante em que os indivíduos começaram a agir de forma inadequada, aos olhos dos soldados, a maldade com a qual tratavam a muitos emergiu.

Nesta carta há também descrições acerca do clube do livro que os Guernesianos fundaram com o intuito de sobreviver na Ocupação e de ajudar uns aos outros com as regras impostas. Nos livros os residentes acharam um meio para seguir frente a cruel realidade que enfrentavam, como diz Eben em sua carta:

É melhor dizer que, no início, não éramos uma sociedade literária de verdade [...] a maioria de nós não tinha tido muito contato com livros desde os tempos de escola [...] foi só o pensamento no comandante e na cadeia que me fez abrir o livro e começar a ler (Shaffer; Barrows, 2009, p. 48).

A sociedade literária surge então com o propósito de sobrevivência dos residentes durante o regime, essa sociedade então nasce como uma nova forma de enfrentar a realidade cruel da Ocupação, através dessa sociedade é que se inicia essa busca pela verdade, o último princípio de exclusão proposto por Foucault (1996), nessa instância há essa ânsia de descobrir a verdade e de expô-la, o clube do livro forma-se nesse objetivo, o de discutir os pormenores da Ocupação e lutar para melhorias mesmo que de forma escondida.

Nesse princípio da busca pela verdade, denominada pelo autor por vontade de verdade, essa vontade nasce como consequência da exclusão, para isso o autor afirma:

ora, essa vontade de verdade, como os outros sistemas de exclusão, apoia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um compacto conjunto de práticas como a pedagogia, é claro, como o sistema dos livros, da edição, das bibliotecas, como as sociedades de sábios outrora, os laboratórios hoje (Foucault, 1996, p. 17).

Como exposto no trecho, a vontade de verdade apoia-se em um sistema de exclusão e sua permanência instaura-se em grupos, na obra, esse sistema de exclusão ocorre com o passo que a censura é instalada nas ilhas, e se terceiriza com a segregação do discurso do louco.

Em *A sociedade literária e a torta de casca de batata* (2009) as formas com as quais os residentes buscaram a verdade durante a Ocupação evidencia-se na carta de Eben Ramsey, como por exemplo esse desejo pela verdade que é

personificado pela resistência, o ato de resistir às crueldades somente foi capaz devido ao apego que os residentes tiveram para com os livros, “nós nos agarramos aos livros e aos nossos amigos; eles nos faziam lembrar que havia um outro lado em nós” (Shaffer; Barrows, 2009, p. 49).

Na carta também há o conflito com a verdade à medida que, como descrito na epístola, fora imposto diversas regras, regras essas que se mostraram inconsistentes. As leis foram impostas como método de controle da verdade, nesse quesito apresenta-se então, o controle e a manipulação da verdade, uma vez que os canais de comunicação de Guernsey e resto do mundo foram cortados no momento que a militância chega nas ilhas do canal.

Para isso Foucault (2013, p. 14) pontua “o tipo de separação que rege nossa vontade de saber, é então talvez algo como um sistema de exclusão (...)”. Sendo essa exclusão da comunicação uma forma de separação, e a criação da sociedade literária justamente para contrapor certos ideais. Nesse momento acontece então a revelação da realidade através da literatura, quando Eben descreve que:

Sabe qual é a frase dele que eu mais admiro? É: ‘O belo dia terminou e a escuridão nos aguarda’. Eu gostaria de já ter lido essas palavras no dia em que vi aquelas tropas alemãs desembarcarem, aviões e aviões cheios delas – e navios atracando no porto! Eu só conseguia pensar malditos, malditos, sem parar. Se eu pudesse ter pensado nas palavras ‘o belo dia terminou e a escuridão nos aguarda’, sentiria um certo consolo e estaria preparado para enfrentar as circunstâncias, em vez de ficar com o coração tão pesado (Shaffer; Barrows, 2009, p. 48).

Logo, a reflexão da situação em que viviam intensificou-se através dos livros que liam, e das discussões literárias ou não que tinha. O contraste entre a verdade oficial e a experiência vivida era iminente e apegar-se aos livros ou somente visualizar a vida na Ocupação através dos livros era um dos mecanismos que muitos residentes se forçaram a fazer para que sobrevivessem os cruéis cinco anos de regime. Quando no trecho acima Eben declara que “eu gostaria de já ter lido essas palavras no dia em que vi aquelas tropas alemãs desembarcarem”, seria então, com um desejo otimista de já ter lido as palavras que citou para que ele pudesse compreender a situação que se escancarava diante de seus olhos e que através das palavras ele conseguisse separar as situações e encarar a realidade que mais tarde acalentaria a todos os residentes.

Por fim, Foucault (1996, p. 18) conclui sobre essa vontade de verdade, apontando que:

Enfim, creio que essa vontade de verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional tende a exercer sobre os outros discursos – estou sempre falando de nossa sociedade – uma espécie de pressão e como que um poder de coerção.

Quando a sociedade literária ganha popularidade e força para com os residentes é quando a situação de muitos fora passível a mudança, com a ajuda de itens básicos como sabão e outros objetos, assim como infinitas discussões para a mudança e o fim da ocupação.

Essa busca por verdade perdurou durante muito tempo, a constante reflexão e a luta diária era algo que deviam fazer para que sobrevivessem durante os anos de Ocupação, para isso Fairclough (2016, p. 126) comenta que “nas sociedades caracterizadas por relações de dominação com base na classe, no gênero, no grupo cultural, e assim por diante, [...] os seres humanos são capazes de transcender tais sociedades, são capazes de transcender a ideologia”.

Nisso o autor aponta que por mais forte que a ideologia presente possa ser, por mais opressora que as forças sejam, ainda assim os indivíduos, se fortes e unidos na busca pela verdade, tem potencial o suficiente de desafiar, questionar e acima de tudo superar todas as limitações. O que manteve os residentes vivos e com um objetivo para o futuro era a sociedade, logo a busca e a vontade pela verdade firmaram-se com o clube do livro e a ajuda que os membros tinham uns para com os outros.

Os princípios de exclusão postulados por Foucault, em sua obra *A ordem do discurso* (1996) encontram-se na obra *A sociedade literária e a torta de casca de batata* (2009) ao passo que as cartas são apresentadas os princípios de exclusão podem ser evidenciados com mais clareza.

Esses princípios surgem devido à vontade de exercer o poder em uma sociedade específica. Os três princípios são, respectivamente, a censura, o ato de delimitar o que pode ser feito ou falado durante o período. Por conseguinte, apresenta-se o segundo princípio que diz respeito ao ato de segregar o indivíduo que possui o discurso de louco para que ele não infecte os ideais dos demais residentes. Por fim, aponta-se o último princípio apresentado por Foucault (1996), a

vontade da verdade, que determina a sede pela busca da verdade. O desejo de saber a realidade e de conhecer o que há de mais real em qualquer relação de poder existente.

4.3 O gênero textual carta como documento histórico no romance *A Sociedade Literária e a Torta De Casca de Batata*

A carta como um gênero textual, principalmente como um documento histórico serve como uma fonte para compreender o passado. Ao passo que na carta há o registro das relações sociais da época, e acima de tudo das mentalidades que residiam no período em que se questionava. As cartas funcionam na base que há a emissão do texto e devolutiva de respostas, nessa visão a obra desenrola-se, à medida que um personagem se comunica com outro, e esse responde, a linha comunicativa é mantida, assim gerando a história.

Vale ressaltar também que o caráter informal das epístolas evidencia uma relação que de imediato funcionam em vias de reciprocidade, contando em seus discursos detalhes que envolvam o espaço e tempo, características essas advindas do próprio tipo textual. Para isso, é apontado que:

As cartas, comparadas a outros gêneros, podem parecer modestas, porque são tão explicitamente ligadas a relações sociais privadas de escritores e leitores específicos, mas isso significa apenas que elas revelam-nos tão clara e explicitamente a socialidade que é parte de toda escrita (Bazerman, 2000, p. 27).

As cartas tornam-se populares e úteis, pois, era um incentivo à escrita na época, na obra, as trocas de cartas eram possíveis somente depois da Ocupação. Sendo elas também responsáveis por tornarem os residentes capazes de se comunicarem com o mundo e voltarem a se verem como cidadãos novamente.

No romance “*A sociedade literária e a torta de casca de batata*” (2009), as trocas de cartas mostraram-se severamente úteis ao entender o contexto histórico da época. Através das epístolas pode-se compreender o ambiente de Pós Segunda Guerra, e como esse contexto molda os residentes ao desenrolar da obra. Quanto ao gênero, há a presença dos aspectos das relações sociais, e da luta pela sobrevivência dos moradores das ilhas do canal da mancha.

Retomando o panorama histórico do surgimento das cartas exposto nos primeiros tópicos, e novamente levantando a questão sugerida por Brigitte Diaz

(2016, p. 13) acerca do que seria a carta, “é a carta, então, texto ou documento? ”, na obra que fora analisada percebe que o contexto histórico possui bastante influência na narrativa.

Pensar na obra como um repositório de informações acerca do regime e os anos da Ocupação é possível pois, devido ao gênero, ficção histórica, os fatos ali contidos são os mais próximos possíveis da realidade. Mais credibilidade à obra e a história há também o fato de que as próprias autoras se determinaram a pesquisar e a visitar o museu da Ocupação na ilha de Guernsey.

O perigo de tal revisitamento da história é que no momento que os autores criam suas histórias acerca do evento histórico, há a licença poética o que o permite trabalhar com o texto como se deve. Nesse *remake* de certos pontos da história a incerteza da veracidade dos dados é levantada.

Pois como sugere o teórico:

ao contar e revelar, está ao mesmo tempo escondendo. [...] Essa escrita deve ser lida com precaução, de modo que se veja não apenas o que aí se encontra, mas também, e essencialmente, o que está faltando. O testemunho do sobrevivente é, antes de mais nada, a busca de um alívio; e como ocorre com qualquer carga, aquele que a porta quer se livrar dela o quanto antes (Seligmann-silva, 2003, p. 20).

Ao desenterrar a história há o perigo da verossimilhança entre os fatos. No entanto, buscar apresentar a história no intuito de dar voz aos sobreviventes é acalentador, pois os mesmo durante os anos de regime sofreram nas mãos dos nazistas e foram esquecidos pela Inglaterra, resultando na luta que eles tiveram que traçar para se salvarem e para sobreviverem durante a Ocupação.

Quanto a presença das cartas nos romances podemos elencar: “(...) algumas cartas são mais documentos do que outras e o difícil está em você equilibrar esses dois pratos da balança, entre o que é documento e o que é invenção. Se há invenção, a invenção pode ser criação artística também” (Galvão, 2008, p. 26-27). Nessa fala podemos compreender que há então uma certa dualidade entre o fato e a criatividade ao se criar uma história. Quanto se tem por exemplo a carta de Pero Vaz de Caminha, há somente o lado documental, nela há detalhes precisos da região em que Caminha estava. No entanto, em *A sociedade literária e a torta de casca de batata* (2009) pode-se haver uma liberdade maior para a criação da história, mesmo que a história conte de uma realidade que foi a Ocupação.

Por fim, compreende-se que o gênero textual carta, agindo como documento histórico age como preservação da história, como também registro histórico, e acima de tudo como uma fonte de pesquisa que servirá como reflexão cultural e literária do período.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como debatido nos capítulos anteriores, analisaram-se as cartas do romance epistolar, *A sociedade literária e a torta de casca de batata* (2009) que tem a Segunda Guerra Mundial como plano de fundo. Foi discutida a proporção que as trocas de cartas situam o leitor na narrativa de Mary Ann Shaffer e Annie Barrows. Para que tais análises fossem necessárias obteve-se o uso dos preceitos da Análise do Discurso Francesa (ADF).

Este trabalho teve como objetivo geral analisar os discursos políticos presentes em quatro cartas do romance, levando em consideração também os aspectos históricos e socioculturais na obra literária. Desse modo, como primeiro objetivo específico, houve a explanação acerca da teoria que se utilizou durante as análises. Na primeira parte deste trabalho foi apontado a teoria e seus principais precursores, seus argumentos e os conceitos que eles fornecem.

O segundo objetivo específico foi o de identificar o contexto histórico em que as cartas a serem analisadas foram escritas e a influência que esse contexto exerceu ao longo da narrativa.

Analisar o contexto histórico mostra-se bastante pertinente à medida que as diversas referências presentes nas cartas somente podem ser compreendidas havendo um conhecimento do *background* de toda a história das ilhas do canal, tanto as referências quanto compreender o próprio texto, uma vez que a abordagem da Análise do Discurso de linhagem Francesa procura estabelecer uma compreensão desse contexto histórico.

Arelado a essa discussão acerca do contexto histórico, também procurou-se debater sobre as origens do próprio romance epistolar, tomou-se, por exemplo, como ponto de partida as cartas, e o seu surgimento. Para que nas análises o leitor, depois das discussões, familiarizado com as cartas pudesse compreender as ideias e reflexões de cada personagem, alinhadas ao propósito primordial da comunicação.

Somente no terceiro e último objetivo específico é que se destinou para as discussões sobre os aspectos políticos e as relações de poder presentes nas cartas do romance, analisadas, sob a luz da teoria da Análise do Discurso.

Na perspectiva de Análise do Discurso (AD), os conteúdos das cartas moldam a percepção que as pessoas têm da narrativa. Com isso, conclui-se, portanto, feita

uma contribuição para o debate sobre a importância da literatura como espelho e agente de mudança social ao longo do tempo.

À medida que as análises foram traçadas, pretendeu-se inserir outro olhar de análise da obra, não apenas evidenciando o valor da obra literária, mas seu papel na compreensão das complexidades da sociedade e da cultura do seu tempo pelo viés discursivo.

Por fim, a pesquisa retoma a questão apresentada nas considerações iniciais, pontuando o que se pôde compreender e na tentativa de responder tal questionamento. A pergunta postulada fora: como os discursos presentes nas cartas trocadas pelos personagens de *A Sociedade Literária e a Torta de Casca de Batata* (2009) influenciaram nas dinâmicas sociais, nos valores culturais e na construção da identidade dos indivíduos envolvidos no contexto histórico do Pós-Segunda Guerra Mundial?

As cartas, como anteriormente discutidas, comprovaram-se de extrema necessidade na formação individual por promoverem uma conexão íntima na relação, leitor e personagem. No cenário em que foram escritas, e no âmbito em que estão na obra, pode-se compreender que as influências se deram na comprovação das formas de exclusão.

Na carta, há vestígios dos poderes exercidos nas epístolas no contexto pós-Segunda Guerra Mundial. Observam-se como as dinâmicas sociais tiveram que se adaptar às novas regras e os impactos desse regime sobre os residentes. No momento da obra, e no ápice da carta, é citada a punição que uma das personagens sofreu, advinda do segundo tipo de exclusão que Foucault (1996) impôs, há o encontro dessa mudança nos valores sociais dos residentes.

Resultante a esses processos e por fim uma procura pela verdade os indivíduos conseguiram, então, uma reconstrução das suas identidades, ao passo que a própria Ocupação os transformou em sobreviventes e não mais apenas residentes das ilhas do canal da mancha.

Na atualidade muito revisita-se os eventos históricos com o intuito de compreender certos aspectos do presente, ou até mesmo possibilita imaginar um futuro. A memória tem seu papel principal de recriar um contexto que não podemos vivenciar. A memória em *A sociedade literária e a torta de casca de batata* (2009) mostra-se indispensável à medida que segundo Paul Henry (1992, p. 170) o leitor só fora capaz de “viver” tal evento histórico ou cultural através do que o texto/autor

transpõe, “do qual uma parte lhe é invisível para sempre e que ele só pode conhecer através de uma experiência intersubjetiva, que é uma experiência de discurso”.

Para que o leitor pudesse vivenciar e compreender toda a história houve então a compreensão dos discursos presentes na obra e, o entendimento e a percepção das relações de poder vigentes na narrativa.

Espera-se então que as discussões anteriormente estabelecidas nos parágrafos acima foram esclarecedoras para quaisquer pesquisadores que pretendem prosseguir com a pesquisa, e com a vontade de desvendar mais pontos passíveis às pesquisas na obra.

Conclui-se, portanto, destacando a relevância social que a pesquisa possui, pois se encontra para além do romance epistolar ao destacar as complexidades discursivas que envolvem as relações de poder dos personagens na compreensão das camadas políticas representadas na narrativa diante do horror do Pós-Segunda Guerra Mundial. Nesse âmbito, o estudo não apenas explorou os pormenores da narrativa Pós-Segunda Guerra Mundial, mas também preencheu uma lacuna nos arquivos da Universidade Estadual do Maranhão, onde há pouca produção com análises nesse viés.

Por fim, ressalta-se o ineditismo da pesquisa. Desse modo, *A Sociedade Literária e a Torta de Casca de Batata* (2009), escrita pelas autoras Mary Ann Shaffer e Annie Barrows contribui com o acervo acadêmico da Instituição de Ensino Superior com uma investigação inovadora na Análise dos Discursos Literários.

Pontua-se ainda que a obra citada acima, o objeto de estudo dessa pesquisa, é recheada com um quê de relações de poder e ideológicas, analisar essa obra sobre o viés da Análise do Discurso mostrou-se uma infinidade de discussões que a obra tão fortemente transpõe.

REFERÊNCIAS

AULETE. **Dicionário Aulete**: prosa. Disponível em:
<https://www.aulete.com.br/prosa>. Acesso em: 9 jul. 2024.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2002.

BAZERMAN, C. Letters and the social grounding of differentiated genres. In: BARTON, D.; HALL, N. (Orgs.). **Letter writing as social practice**. Philadelphia: John Benjamins Publishing, 2000.

BOUVET, N. E. **La escritura epistolar**. Buenos Aires: Eudeba, 2006. p.86-182

DIAZ, Brigitte. **O gênero epistolar ou o pensamento nômade**: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX. Tradução de Brigitte Hervot e Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DIAS, A. D.; SANTOS, G. S. **Reflexões sobre a posição-sujeito na disciplina “Oralidade, Leitura e Escrita” do curso de Pedagogia da UFSM**. Percursos Linguísticos, Vitória (ES), v. 7, n. 16, 2017. ISSN 2236-2592.

DIJK, Teun A. Van. **Discurso e Poder**. São Paulo: Contexto, 2008, 281p.

FAIRCLOUGH, N. **Critical Discourse Analysis: The Critical Study of Language**. London: Longman, 1995.

_____. **Discurso e mudança social**. 2. ed. Trad. Izabel Magalhães. Brasília: UnB, 2016.

_____. **Language and Power**. New York: Longman, 1989.

_____. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

FIGUEIREDO, E. **Mulheres ao espelho**: autobiografia, ficção e autoficção. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. p.193-194

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

_____. **As Palavras e as Coisas**: Uma Arqueologia das Ciências Humanas. São Paulo: Martins Fontes. 1966.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.

_____. **Ditos & Escritos II**: Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. P.270.

_____. **Microfísica do poder**. 23. ed. São Paulo: Graal, 2004.

_____. **A ordem do discurso**. 20 ed. São Paulo: Loyola. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 2010

_____. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

_____. **Vigiar e Punir**. 33^a ed., Petrópolis: Ed. Vozes, 2001.

GALVÃO, W. N. À margem da carta. TERESA **Revista de Literatura Brasileira**, São Paulo, n. 8/9, p. 14-29, 2008. ISSN 1517-9737

GREGOLIN, M. R. V. **A análise do discurso**: conceitos e aplicações. Alfa, São Paulo, v.39, p.13-21, 1995.

HENRY, P. **A ferramenta Imperfeita**: língua, sujeito e discurso. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.

JACOMEL, M. C. W. **Tecendo o avesso da História pela metaficção historiográfica**. Uniletras, Ponta Grossa, v. 30, n. 2, p. 421-460, jul./dez., 2008.

Disponível em:

<https://revistas.uepg.br/index.php/uniletras/article/download/527/529>. Acesso em: 09 jun. 2024.

LACAN, J. **O seminário** –Livro 1: os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Zahar, [1953-54]/1983.

MAINGUENEAU, D. **Análise de texto de comunicação**. São Paulo: Cortez. 2000.

_____. **Discurso e análise do discurso**. Tradução: Sírio Possenti, 1. ed, São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MALDIDIER, D. (1994). **Elementos para uma história da análise do discurso na França**. In: Orlandi, E. P. (Org.). Gestos de Leitura - da História no Discurso. (pp. 15 - 53). Campinas: Editora da Unicamp.

MARASCIULO, M. Winston Churchill: 5 fatos para conhecer a história do político. **Revista Galileu História**, 24 jan. 2023. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/sociedade/historia/noticia/2023/01/winston-churchill-5-fatos-para-conhecer-a-historia-do-politico.ghtml>. Acesso em: 31 maio 2024.

MCLUHAN, M. (1964). **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem**. Tradução de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix.

MEDEIROS, C. L. O romance epistolar europeu no século XVIII: da sentimentalidade ao amor filosófico. **Revista Cerrados**,32(63), pp. 72-84. 2023 . <https://doi.org/10.26512/cerrados.v32i63.44531>

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

_____. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2009

_____. **Análise de discurso** – princípios e procedimentos. Campinas - SP: Pontes, 2000.

_____. **Análise de discurso** – princípios e procedimentos. Campinas SP: Pontes, 1999.

SARTRE, J. P. **Situations III**. Paris: Gallimard, 2003.

SELIGMANN-SILVA, M. **Narrar o trauma**. A questão dos Testemunhos de Catástrofes Históricas. In.: UMBACH, Rosani Ketzer (org.). Memórias da repressão. Santa Maria: UFSM, PPGL – Editores, 2008

SHAFFER, M. A.; BARROWS, A. **A sociedade Literária e a Torta de Casca de Batata**. Dial Press Trade Paperback, 2009.

SIMÕES, R. **Cenário dos anos 80 é irrepetível**. Teoria e Debate, edição 86, 01 jan. 2010. Disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/2010/01/01/cenario-dos-anos-80-e-irrepetivel/>. Acesso em: 05 maio 2024.

SIQUEIRA, T. C. B. Uma genealogia da ordem do discurso em Michael Foucault. **Revista Educativa**, Goiânia, Go, v. 3, p. 159-164, jan-dez 2000. Disponível em: <http://areia.ucg.br/site_docente/edu/teresa_cristina/pdf/genealogia.pdf> Acesso em: 21 jan. 2008.

ANEXOS

Anexo 1:

De Amelia para Juliet

18 de fevereiro de 1946

Cara srta. Ashton,

Obrigada por levar tão a sério minha condição. Na reunião da sociedade, ontem à noite, falei aos membros sobre seu artigo para o *Times* e sugeri que aqueles que quisessem poderiam escrever para a senhora, contando sobre os livros que leram e a alegria que encontraram na leitura.

A reação foi tão ruidosa que Isola Pribby, nossa responsável pela lei e pela ordem, foi obrigada a bater com o martelo para pedir ordem (admito que Isola não precisa de muito incentivo para bater com o martelo). Acho que a senhora vai receber muitas cartas de nós, e espero que elas sejam de alguma ajuda para o seu artigo.

Dawsey contou-lhe que a sociedade foi inventada como desculpa para evitar que os alemães prendessem meus convidados: Dawsey, Isola, Eben Ramsey, John Booker, WillThisbee e nossa querida Elizabeth McKenna, que inventou a história ali na hora, que Deus lhe abençoe a presença de espírito e a voz doce e persuasiva.

Eu, é claro, não fiquei sabendo de nada na hora. Assim que eles saíram, corri para o porão para enterrar as evidências de nossa refeição. Só soube da nossa sociedade literária na manhã seguinte, às sete horas, quando Elizabeth apareceu na minha cozinha e perguntou: “Quantos livros você tem?” Eu tinha alguns, mas Elizabeth examinou minha estante e sacudiu a cabeça. “Precisamos de mais. Tem muito livro de jardinagem aqui.” Ela tinha razão, é claro, gosto de um bom livro de jardinagem. “Vou dizer o que vamos fazer”, ela falou. “Depois que eu sair do escritório do comandante, iremos até a livraria Fox para comprar livros. Se vamos ser a sociedade literária de Guernsey, temos de parecer literários”.

Fiquei nervosa a manhã inteira, sem saber o que estava acontecendo no gabinete do comandante. E se eles fossem parar na cadeia de Guernsey? Ou, pior ainda, num campo de concentração no continente? Os alemães eram instáveis no que se referia a fazer justiça, então nunca se sabia qual a sentença que seria imposta. Mas não aconteceu nada disso.

Por mais estranho que pareça, os alemães permitiam – e até encorajavam – atividades artísticas e culturais entre os ilhéus do canal. O objetivo deles era provar aos britânicos que a Ocupação Alemã era uma Ocupação Modelo. Como essa

mensagem seria enviada ao mundo exterior eles nunca explicaram, já que os telefones e o telégrafo entre Guernsey e Londres tinham sido cortados no dia em que os alemães desembarcaram, em junho de 1940.

Qualquer que fosse o raciocínio torto deles, o fato é que as Ilhas do Canal foram tratadas com muito mais indulgência do que o restante da Europa conquistada – a princípio. No gabinete do comandante, meus amigos tiveram de pagar uma pequena multa e apresentar o nome e os membros de sua sociedade. O comandante anunciou que ele também era um amante da literatura e que gostaria de frequentar, de vez em quando, as reuniões, junto com alguns oficiais que também eram apreciadores de livros.

Elizabeth disse que eles seriam muito bem-vindos. E então, ela, Eben e eu fomos voando para a Fox, escolhemos um monte de livros para a nossa recém-fundada sociedade e corremos de volta para casa para guardá-los nas minhas estantes. Depois fomos de casa em casa – com o ar mais natural do mundo –, a fim de avisar os outros para passar lá de noite e escolher um livro para ler. Foi uma agonia andar devagar, parando para conversar com um e outro, quando queríamos sair correndo! O tempo era crucial, já que Elizabeth temia que o comandante aparecesse na próxima reunião, dali a duas semanas apenas. (Ele não apareceu. Uns poucos alemães vieram ao longo dos anos, mas, felizmente, saíram um tanto confusos e nunca mais voltaram.)

E foi assim que começamos. Eu conhecia todos os membros, mas não os conhecia muito bem. Dawsey era meu vizinho havia mais de trinta anos; no entanto, acho que eu nunca tinha falado com ele sobre outra coisa que não fosse o tempo e o cultivo da fazenda. Isola era uma amiga querida, e Eben também, mas Will Thisbee era apenas um conhecido, e John Booker era quase um estranho, pois tinha acabado de chegar quando os alemães vieram. O que tínhamos em comum era Elizabeth. Sem seu incentivo, eu jamais teria pensado em convidá-los para dividir meu porco, e a Sociedade Literária e Torta de Casca de Batata de Guernsey nunca teria nascido.

Naquela noite, quando eles chegaram na minha casa para escolher os livros, aqueles que raramente tinham lido outra coisa além da Bíblia, de catálogos de sementes e de *The Pigman's Gazette* descobriram um tipo diferente de leitura. Foi aqui que Dawsey encontrou o seu Charles Lamb e que Isola descobriu *O morro dos ventos uivantes*. Escolhi *As aventuras do senhor Pickwick*, pensando que ele melhoraria o meu ânimo – e melhorou. Então, todos foram para casa e leram.

Começamos a nos reunir – primeiro por causa do comandante e depois por prazer. Nenhum de nós tinha nenhuma experiência com sociedades literárias, por isso fizemos nossas próprias regras: cada pessoa tinha a sua vez para falar dos livros que lia. A princípio, tentamos ser calmos e objetivos, mas isso logo passou e a intenção das pessoas que falavam era criar nos ouvintes a vontade de ler aquele livro. Depois que dois membros tinham lido o mesmo livro, eles podiam debater, o que era um grande prazer para nós. Líamos livros, falávamos sobre livros, debatíamos livros e nos tornamos cada vez mais amigos. Outros habitantes pediram para se juntar a nós e nossas noites se tornaram alegres e divertidas – quase conseguíamos esquecer a escuridão do lado de fora. Nós ainda nos reunimos a cada duas semanas.

Will Thisbee foi o responsável pela inclusão de Torta de Casca de Batata no nosso nome. Com ou sem alemães, ele não ia a nenhuma reunião que não tivesse o que comer! Então as comidas passaram a fazer parte do nosso programa. Como quase não havia manteiga, farinha menos ainda e nenhum açúcar em Guernsey na época, Will inventou uma torta de casca de batata: purê de batatas como recheio, beterrabas coadas para adoçar e cascas de batata para cobrir. As receitas de Will normalmente são duvidosas, mas essa se tornou a favorita. Gostaria de receber notícias suas outra vez e de saber como o artigo está progredindo.

Sinceramente,
Amelia Maugery

Anexo 2:

De Amelia para Juliet

10 de abril de 1946

Minha querida Juliet,

Também tenho a impressão de que a guerra não acaba nunca. Quando meu filho, Ian, morreu em El Alamein – junto com o pai de Eli, John –, as visitas vinham me dar pêsames e, achando que isso iria me consolar, diziam: “A vida continua.” Que bobagem, eu pensava, porque é claro que ela não continua. É a morte que continua; Ian está morto agora, estará morto amanhã e no ano que vem e para sempre. Não existe fim para isso. Mas, talvez, haja um fim para o sofrimento que isso causa. O sofrimento invadiu o mundo como as águas do

Dilúvio, e levará tempo para recuar. Mas já existem algumas pequenas ilhas de... esperança? Felicidade? Alguma coisa parecida, pelo menos. Gosto de imaginar você em pé na cadeira para avistar um pedacinho de sol, desviando os olhos dos montes de entulho. Meu maior prazer foi voltar a caminhar à noite ao longo dos penhascos. O canal não está mais cercado de arame farpado, a vista não é mais prejudicada por enormes placas de VERBOTEN. As minas desapareceram de nossas praias e posso caminhar quando, onde e pelo tempo que quiser. Se parar no alto dos penhascos e olhar para o mar, não vejo os feios bunkers de cimento atrás de mim, nem a terra nua, sem as árvores. Nem mesmo os alemães conseguiram arruinar o mar.

Este verão, o tojo vai começar a crescer ao redor das fortificações, e, no ano que vem, talvez cresçam trepadeiras sobre elas. Espero que em breve elas estejam cobertas. No entanto, por mais que eu olhe para o outro lado, nunca poderei esquecer como elas foram feitas. Os trabalhadores Todt as construíram. Sei que você já ouviu falar nos trabalhadores escravos da Alemanha em campos no continente, mas você sabia que Hitler mandou mais de dezesseis mil deles para cá, para as Ilhas do Canal?

Hitler era fanático em defender estas ilhas – a Inglaterra jamais poderia recuperá-las! Seus generais chamaram isso de Mania de Ilha.

Ele ordenou plataformas para armas pesadas, barreiras antitanque nas praias, centenas de bunkers e baterias, depósitos de armas e bombas, quilômetros e quilômetros de túneis subterrâneos, um enorme hospital subterrâneo e uma estrada de ferro cruzando a ilha para carregar material. As fortificações costeiras

eram absurdas – as Ilhas do Canal foram mais fortificadas do que o Muro do Atlântico construído para impedir uma invasão dos Aliados. As instalações se projetavam sobre cada baía. O Terceiro Reich era para durar mil anos – em concreto.

Então, é claro, ele precisava de milhares de trabalhadores escravos; homens e meninos foram recrutados, alguns estavam presos e outros foram simplesmente apanhados nas ruas – em filas de cinema, em cafés, nas estradas e nos campos de qualquer território ocupado pelos alemães. Havia até prisioneiros políticos da Guerra Civil Espanhola. Os prisioneiros de guerra russos eram os mais maltratados, talvez por causa da sua vitória sobre os alemães no front russo.

A maioria desses trabalhadores escravos veio para as ilhas em 1942. Eles eram alojados em galpões abertos, túneis, atrás de cercas nas praças, alguns em casas. Marchavam por toda a ilha, em direção aos seus locais de trabalho: esqueléticos, usando calças rasgadas, geralmente sem casacos para protegê-los do frio. Sem sapatos nem botas, os pés amarrados em trapos sujos de sangue. Rapazes jovens, de quinze e dezesseis anos, tão cansados e famintos que mal conseguiam ficar em pé. Os habitantes de Guernsey costumavam ficar no portão para oferecer-lhes um pouco de comida ou alguma roupa quente de que pudessem dispor. Às vezes, os alemães que guardavam as colunas de trabalho deixavam os homens saírem da fila para aceitar esses presentes – outras vezes, eles os atiravam no chão e batiam neles com a coronha dos rifles.

Milhares desses homens e rapazes morreram aqui, e soube recentemente que o tratamento desumano dado a eles foi uma política de Himmler. Ele chamava seu plano de Morte por Exaustão, e o implementou. Faça-os trabalhar muito, não desperdice comida com eles, deixe-os morrer. Eles poderiam sempre ser substituídos por novos trabalhadores escravos dos países ocupados da Europa. Alguns dos trabalhadores Todt eram mantidos no parque, atrás de uma cerca de arame farpado – eram brancos como fantasmas, cobertos de pó de cimento; só havia uma única bica para mais de cem homens se lavarem.

As crianças às vezes iam até o parque para ver os trabalhadores Todt atrás das cercas de arame. Elas enfiavam nozes e maçãs, às vezes batatas, através do arame para eles. Havia um trabalhador Todt que não aceitava a comida – ele vinha para ver as crianças. Enfiava o braço pela cerca só para segurar o rosto delas entre as mãos, para tocar-lhes os cabelos. Os alemães davam aos trabalhadores Todt meio dia de folga por semana – aos domingos. Esse era o dia em que os engenheiros

sanitários alemães esvaziavam todo o esgoto no oceano, por meio de um grande cano. Os peixes se juntavam para comer as sobras, e os trabalhadores Todt ficavam no meio de toda aquela imundície, que ia até o peito deles, tentando pegar os peixes com as mãos para comê-los.

Não há flores nem trepadeiras que possam cobrir lembranças como essas. Eu lhe contei a história mais odiosa da guerra. Juliet, Isola acha que você devia vir aqui e escrever um livro sobre a Ocupação Alemã. Ela me disse que não tem competência para escrever o livro ela mesma; porém, por mais que eu goste de Isola, fico apavorada em pensar que ela possa comprar um caderno e começar a escrever assim mesmo.

Sinceramente,
Amelia Maugery

Anexo 3:

Carta recebida em Guernsey, em 12 de junho de 1946

Para “Eben” ou “Isola”, ou qualquer membro
de uma Sociedade Literária de Guernsey,
Ilhas do Canal, Grã-Bretanha
(Entregue a Eben no dia 14 de junho de 1946)

Cara Sociedade Literária de Guernsey,

Dirijo-me aos que eram caros à minha amiga Elizabeth McKenna. Escrevo-lhes para comunicar a morte dela no campo de concentração de Ravensbrück. Ela foi executada lá em março de 1945.

Naqueles dias, antes de o Exército russo chegar para libertar o campo, os SS carregaram caminhões cheios de papéis para o crematório e os queimaram nas fornalhas. Então temi que vocês nunca viessem a saber da prisão e da morte de Elizabeth.

Elizabeth falava comigo frequentemente de Amelia, Isola, Dawsey, Eben e Booker. Não me lembro dos sobrenomes, mas acredito que Eben e Isola sejam nomes cristãos fora do comum e, assim, espero que vocês possam ser facilmente encontrados em Guernsey. Também sei que ela os considerava sua família e sentia gratidão e paz pelo fato de sua filha, Kit, estar entregue aos cuidados de vocês. Portanto, escrevo para que vocês e a filha dela saibam o que houve com ela e a força que demonstrou no campo. Não apenas força, mas a habilidade que tinha para nos fazer esquecer, por algum tempo, que estávamos lá. Elizabeth era minha amiga e, naquele lugar, amizade era a única coisa que ajudava uma pessoa a permanecer humana.

Agora estou morando na casa de repouso La Forêt, em Louviers, na Normandia. Meu inglês é muito ruim, então a irmã Touvier está melhorando minhas frases ao escrevê-las para mim. Tenho agora 24 anos. Em 1944, fui apanhada pela Gestapo em Plouha, na Bretanha, com um pacote de tíquetes de racionamento falsos. Fui interrogada, surrada e enviada para o campo de concentração de Ravensbrück. Fui colocada no bloco 11, e foi lá que conheci Elizabeth.

Vou contar-lhes como nos conhecemos. Uma noite, ela se aproximou de mim e disse meu nome, Remy. Fiquei contente ao escutar o meu nome. Ela disse: “Venha comigo. Tenho uma surpresa maravilhosa para você.” Não entendi o que estava

dizendo, mas fui com ela até os fundos do alojamento. Havia uma janela quebrada recheada de papéis e ela os retirou. Pulamos a janela e corremos na direção da Lagerstrasse. Lá entendi o que ela quis dizer com uma surpresa maravilhosa. O céu por cima dos muros parecia estar pegando fogo – nuvens baixas, vermelhas e roxas, iluminadas de dourado. Elas mudavam de forma e de tom enquanto corriam pelo céu. Ficamos ali, de mãos dadas, até escurecer. Acho que ninguém, fora daquele lugar, poderia entender o que significou para mim aquele momento tranquilo que passamos juntas.

Nossa casa, o bloco 11, tinha quase quatrocentas mulheres. Em frente a cada alojamento, havia um espaço onde era feita uma chamada duas vezes por dia, às 5:30 da manhã, e à noite, depois do trabalho. As mulheres de cada alojamento formavam quadrados de cem mulheres – dez mulheres em dez filas. Os quadrados se estendiam a uma distância tão grande, à direita e à esquerda de nós, que muitas vezes não víamos o fim deles no nevoeiro. Nossas camas ficavam sobre prateleiras de madeira, construídas em plataformas de três.

Dormíamos em colchões de palha, fedorentos e cheios de pulgas e carrapatos. Havia grandes ratazanas amarelas que corriam sobre nossos pés à noite. Isso era uma coisa boa, porque os alemães odiavam os ratos e o fedor, então nos livrávamos deles durante as noites. Então, Elizabeth me contou sobre a ilha de Guernsey e a sociedade literária de vocês. Essas coisas pareciam o paraíso para mim. Nas camas, o ar que respirávamos era sujo e doentio, mas, quando Elizabeth falava, eu conseguia imaginar o ar bom e fresco do mar e o cheiro das frutas sob o sol quente. Embora não possa ser verdade, não me lembro do sol brilhando um só dia em Ravensbrück. Eu também gostava de ouvir como nasceu a sua sociedade. Quase ri quando ela contou sobre o porco assado, mas não o fiz. Rir causava problemas nos alojamentos.

Havia diversas bicas de água fria para nos lavarmos. Uma vez por semana, éramos levadas para os chuveiros e nos davam um pedaço de sabão. Isso era necessário para nós, pois o que mais tínhamos era ficar sujas, apodrecer. Não ousávamos ficar doentes, porque não poderíamos trabalhar. Não tínhamos mais utilidade para os alemães e eles nos matariam. Elizabeth e eu íamos com nosso grupo todas as manhãs, às seis horas, para a fábrica da Siemens, onde trabalhávamos. Ficava fora dos muros da prisão. Uma vez lá, empurrávamos

carrinhos de mão até a estrada de ferro e descarregávamos pesadas placas de metal sobre eles.

Davam-nos purê de trigo e ervilhas ao meio-dia, e às 18 horas voltávamos para o campo, para a chamada e uma ceia que consistia em sopa de nabo. Nossas obrigações mudavam de acordo com a necessidade, e um dia nos mandaram cavar uma trincheira para estocar batatas para o inverno. Nossa amiga Alina roubou uma batata, mas a deixou cair no chão. Todo mundo parou de cavar até o supervisor descobrir o ladrão. Alina tinha ulcerações nas córneas, e era preciso que os supervisores não notassem isso, pois eles poderiam achar que ela ia ficar cega. Elizabeth disse depressa que tinha apanhado abatata e foi enviada para a retenção por uma semana.

As celas nesse local eram muito pequenas. Um dia, enquanto Elizabeth estava lá, um guarda abriu a porta de cada cela e atingiu as prisioneiras com jatos de água de alta pressão. A força da água jogou Elizabeth no chão, mas ela teve sorte de a água não molhar seu cobertor dobrado. Passado algum tempo, ela conseguiu se levantar e deitar debaixo do cobertor até passar a tremedeira. Mas uma moça grávida na cela ao lado não teve tanta sorte nem forças para se levantar. Ela morreu naquela noite, congelada no chão.

Talvez eu esteja falando demais, coisas que vocês não querem ouvir. Mas tenho de fazer isso para contar-lhes como Elizabeth viveu – e como ela não perdeu nem sua bondade nem sua coragem. Gostaria que a filha dela soubesse disso. Agora vou contar-lhes como ela morreu. Frequentemente, depois de estar no campo por alguns meses, as mulheres paravam de menstruar. Mas algumas não paravam. Os médicos do campo não tinham tomado nenhuma providência com relação à higiene das mulheres durante esse período – nem trapos, nem toalhas sanitárias, nem sabão. As mulheres que continuavam menstruando tinham de deixar o sangue escorrer por suas pernas.

Os alemães gostavam disso, desse sangue repugnante, porque dava a eles uma desculpa para gritar, para bater. Uma mulher chamada Binta era a supervisora da nossa chamada noturna e ficou irritada com uma moça que estava sangrando. Gritou com ela e a ameaçou com sua vara. Então começou a bater na moça. Elizabeth saiu da fila depressa – muito depressa. Ela tirou a vara da mão de Binta e começou a bater nela, sem parar.

Os guardas vieram correndo e dois atiraram Elizabeth no chão com seus rifles. Eles a atiraram no caminhão e a levaram de novo para o castigo. Um dos guardas me contou que na manhã seguinte os soldados formaram um círculo em volta de Elizabeth e a tiraram da cela. Do lado de fora dos muros do campo havia um bosque de papoulas. Os galhos das árvores formavam uma aleia e Elizabeth caminhou por ela, sozinha, sem ajuda. Ela se ajoelhou no chão e eles deram um tiro em sua nuca.

Vou parar agora. Sei que senti muitas vezes minha amiga ao meu lado quando estive doente, depois do campo. Eu tinha febre e imaginava que eu e Elizabeth estávamos navegando num barquinho em direção a Guernsey. Tínhamos planejado isso em Ravensbrück – que íamos morar juntas no seu chalé, com sua bebê, Kit. Isso me ajudava a dormir. Espero que sintam Elizabeth ao seu lado, assim como eu. Ela não perdeu as forças, nem o juízo, nunca – ela só não aguentou tanta crueldade.

Aceitem meus melhores votos,

Remy Giraud

Anexo 4:

De Eben Ramsey para Juliet

28 de fevereiro de 1946

Cara srta. Ashton,

Moro em Guernsey e meu nome é Eben Ramsey. Meus pais e avós eram escultores de lápides – cordeiros eram sua especialidade. É isso que gosto de fazer à noite, mas, para ganhar a vida, eu pesco. A sra. Maugery disse que a senhora gostaria de receber cartas a respeito das nossas leituras durante a Ocupação. Eu nunca iria falar – ou pensar, se pudesse – sobre aqueles tempos, mas a sra. Maugery disse que podíamos confiar no seu julgamento ao escrever sobre a sociedade durante a guerra. Se a sra. Maugery diz que podemos confiar na senhora, eu acredito. Além disso, a senhora foi muito amável em mandar um livro para o meu amigo Dawsey – uma pessoa que era quase um desconhecido para a senhora. Então estou escrevendo e espero que possa ajudar com a sua história.

É melhor dizer que, no início, não éramos uma sociedade literária de verdade. Fora Elizabeth, a sra. Maugery e, talvez, Booker, a maioria de nós não tinha tido muito contato com livros desde os tempos de escola. Nós os apanhávamos na estante da sra. Maugery, com medo de estragar aquele papel delicado. Eu não tinha gosto por essas coisas naquela época. Foi só o pensamento no comandante e na cadeia que me fez abrir o livro e começar a ler. Ele se chamava Seleções de Shakespeare. Mais tarde, compreendi que o sr. Dickens e o sr. Wordsworth estavam pensando em homens como eu quando escreveram suas palavras. Mas acho que, principalmente, William Shakespeare estava. Nem sempre entendo o que ele diz, é verdade, mas um dia vou entender.

A impressão que tenho é que, quanto menos ele disse, mais beleza criou. Sabe qual é a frase dele que eu mais admiro? É: “O belo dia terminou e a escuridão nos aguarda.” Eu gostaria de já ter lido essas palavras no dia em que vi aquelas tropas alemãs desembarcarem, aviões e aviões cheios delas – e navios atracando no porto! Eu só conseguia pensar malditos, malditos, sem parar. Se eu pudesse ter pensado nas palavras “o belo dia terminou e a escuridão nos aguarda”, sentiria um certo consolo e estaria preparado para enfrentar as circunstâncias, em vez de ficar com o coração tão pesado. Eles chegaram aqui no domingo, 30 de junho de 1940, depois de nos terem bombardeado dois dias antes. Eles disseram que não tiveram a intenção de nos bombardear; confundiram nossos caminhões de tomates que

estavam no cais com caminhões do exército. Por que eles pensaram isso eu não consigo entender. Eles nos atacaram, matando cerca de trinta homens, mulheres e crianças – uma delas foi o filho do meu primo. Ele tinha se abrigado debaixo do caminhão assim que viu os aviões lançando bombas, e o caminhão explodiu e pegou fogo.

Eles mataram homens em seus botes salva-vidas no mar. Eles bombardearam as ambulâncias levando nossos feridos. Como ninguém atirou neles, viram que os britânicos tinham nos deixado indefesos. Eles simplesmente voaram tranquilamente para cá dois dias depois e nos ocuparam durante cinco anos. A princípio, eles foram muito gentis. Estavam todos prosas por terem conquistado um pedacinho da Inglaterra, e eram burros o bastante para achar que num instante estariam desembarcando em Londres. Quando viram que isso não ia acontecer, voltaram à sua maldade característica.

Eles tinham regras para tudo – faça isso, não faça aquilo, mas estavam sempre mudando de ideia, tentando parecer simpáticos, como se estivessem sacudindo uma cenoura na frente do nariz de um burro. Mas nós não éramos burros. Então eles ficavam zangados de novo. Por exemplo, eles estavam sempre mudando a hora do toque de recolher – oito da noite, ou nove, ou cinco da tarde – se estivessem muito zangados. Você não podia visitar os amigos nem mesmo cuidar dos animais.

No início, estávamos esperançosos, achando que eles não iam ficar mais de seis meses. Mas o tempo foi se estendendo indefinidamente. Ficou difícil achar comida e depois não havia mais lenha. Os dias eram cinzentos de trabalho, e as noites, negras de tédio. Todo mundo estava enfraquecido pela falta de comida e desanimado por achar que aquilo nunca iria terminar. Nós nos agarramos aos livros e aos nossos amigos; eles nos faziam lembrar que havia um outro lado em nós. Elizabeth costumava recitar um poema.

Não me lembro dele todo, mas começava assim: “Será algo tão insignificante ter apreciado o sol, ter se alegrado na primavera, ter amado, ter pensado, ter feito, ter cultivado amizades verdadeiras?” Não é. Eu espero que, onde quer que esteja, ela se lembre disso. No fim de 1944, já não importava a hora que os alemães determinavam para o toque de recolher. A maioria das pessoas ia para a cama por volta das cinco horas, de qualquer maneira, para se aquecer. Só tínhamos direito a

duas velas por semana, depois apenas a uma. Era muito entediante ficar deitado na cama sem ter luz para ler.

Depois do Dia D, os alemães não puderam mais enviar navios com suprimentos da França por causa dos caças dos Aliados. Então, eles finalmente ficaram tão famintos quanto nós – e começaram a matar cães e gatos para ter o que comer. Eles invadiam nossos quintais, desencavavam batatas – e comiam até as pretas e podres. Quatro soldados morreram porque comeram uma erva venenosa achando que era salsa. Os oficiais alemães disseram que qualquer soldado que fosse apanhado roubando comida de nossos quintais seria fuzilado. Um pobre soldado foi apanhado roubando uma batata.

Ele foi perseguido por sua própria gente e subiu numa árvore para se esconder. Mas eles o encontraram e o derrubaram da árvore com um tiro. Mesmo assim, isso não os impediu de roubar comida. Não estou censurando ninguém porque alguns dos nossos estavam fazendo o mesmo. Acho que a fome deixa a pessoa desesperada quando se torna uma realidade de todo dia. Meu neto, Eli, foi evacuado para a Inglaterra quando tinha sete anos. Ele está em casa agora – tem doze anos e é bem alto –, mas eu jamais perderei aos alemães por terem me impedido de vê-lo crescer. Agora tenho que ir ordenhar minha vaca, mas tornarei a escrever, se a senhora quiser.

Desejo-lhe saúde,
Eben Ramsey